

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

Metáfora Paterna: a função do pai como uma operação de linguagem.

Ana Clara Santos Cruz

Rio de Janeiro,

2016

Metáfora Paterna: a função do pai como uma operação de linguagem.

Ana Clara Santos Cruz

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro para a obtenção de título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Theophilo da Costa-Moura

Rio de Janeiro,

2016

Ana Clara Santos Cruz

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro para a obtenção de título de mestre.

Submetida à aprovação em março de 2016

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fernanda Theophilo da Costa-Moura - Orientadora

Profa. Dra. Anna Carolina Lo Bianco

Prof. Dr. Marcos Eichler de Almeida Silva

Rio de Janeiro,

2016

Agradecimentos

À orientadora Fernanda Costa-Moura, por acreditar no trabalho e pelo compromisso com a transmissão da psicanálise.

Aos meus pais, Marcelo e Letícia, que me deram suporte e me ajudaram neste, assim como em todos os outros trabalhos.

À família, pelo apoio e compreensão à minha dedicação ao trabalho.

À minha amiga Laura, que me apoiou e ajudou em todos os momentos do percurso do mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, seus funcionários e professores, pelo apoio e incentivo ao trabalho.

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro.

Resumo

O presente trabalho dedica-se à discussão da questão da função do pai, tal como a psicanálise lacaniana a considera. Abordando aquilo que Freud e Lacan formalizam sobre o complexo de Édipo indicamos que há uma articulação entre a operação da função paterna e a possibilidade de vigência da lei fálica no campo do sujeito. A chamada metáfora paterna é assim designada justamente na medida em que a função paterna, tal como a psicanálise a compreende, não pode acontecer fora do registro da linguagem. Lacan considera que a função paterna se inscreve simbolicamente na medida em que a lei do pai atravessa o discurso localizando para um sujeito por vir o lugar do desejo da mãe na estrutura. O encontro com a lei do pai acontece, pois, em um momento inicial, pela relação da criança com a mãe. De modo tal que a questão da carência paterna é redefinida por Lacan e articulada à impossibilidade de o pai exercer sua função, não diretamente na realidade, mas antes e sobretudo, no complexo de Édipo. Observa-se assim que há uma diferença fundamental entre o que se pode observar sobre a personalidade do pai e sua função na família e a possibilidade de operação da sua função no complexo de Édipo. Além disso, na medida em que a própria estrutura da linguagem implica em um corte, em um encontro com a impossibilidade de esgotar a condição desejante do sujeito num objeto que seria último, consideramos como a função do pai incide aí, atribuindo um caráter sexual a esta falta de objeto estrutural. A partir deste último ponto indica-se algumas ressonâncias que a dimensão da falta traz para o funcionamento inconsciente e como é determinante para a constituição do sujeito. Ao final do trabalho, podemos articular a impossibilidade desse encontro à constituição do sujeito como aquele que deseja e se lança a outros objetos.

Palavras-chave: psicanálise, linguagem, metáfora paterna, Nome-do-Pai.

Resumé

Le travail suivant est consacré à la discussion sur le rôle du père tel que la psychanalyse Lacanienne le conçoit. En abordant ce que Freud et Lacan formalisent sur le complexe d'Edipe nous indiquons qu'il existe un lien entre le fonctionnement de la fonction paternelle et la possibilité d'application de la loi phallique dans le champ du sujet. La métaphore paternelle est ainsi désignée dans la mesure où la fonction paternelle, tel que la psychanalyse le comprend, n'existe pas hors du registre du langage. Lacan considère que la fonction paternelle est symbolique dans la mesure où la loi du père passe par le discours en désignant, par un sujet à venir, la place du désir de la mère dans la structure. La rencontre avec la loi du père arrive, donc, à un moment précoce, dans la relation de l'enfant avec sa mère. De même que la question de la carence paternelle est redéfinie par Lacan et liée à l'impossibilité du père à exercer sa fonction, non pas, premièrement, dans la réel, mais d'abord et avant tout, dans le complexe d'Edipe. En outre, dans la mesure où la structure même du langage implique une coupure, une rencontre avec l'impossibilité d'épuiser le désir du sujet pour un objet ultime, nous considérons alors la fonction du père opère, ici, en attribuant un caractère sexuel à cette manque d'objet structurel. On distingue alors les conséquences qu'apporte la dimension du manque pour le fonctionnement inconscient et comment il est déterminant pour la construction du sujet. Finalement, nous pouvons lier l'impossibilité de la rencontre à la constitution du sujet comme celui qui désire et se projète.

Mots-clés: psychanalyse, langage, métaphore paternelle, Nom-du-Père.

Sumário

Introdução.....	7
Capítulo 1- A estrutura da linguagem	
1.1 – O Significante	19
1.2 – Linguagem e Inconsciente.....	26
1.3 – Metáfora e Metonímia.....	31
1.4 – O Fracasso da Comunicação.....	37
1.5 – A Satisfação na Tirada Espirituosa.....	41
Capítulo 2 – Função Paterna	
2.1 – O Complexo de Édipo.....	49
2.2 – O Complexo de Édipo na Teoria Lacaniana.....	66
Capítulo 3 – A Metáfora Paterna	
3.1 – A Inscrição de um Significante.....	84
3.2 – A Questão da Ética.....	90
3.3 – Incidências da metáfora paterna.....	94
Conclusão.....	104
Bibliografia.....	112

Introdução

O desenvolvimento deste trabalho parte do interesse pela questão da constituição do sujeito neurótico. O que determina que um sujeito se constitua no registro da lei fálica e outros não? O que a psicanálise lacaniana tem a dizer sobre isso? O desenvolvimento do trabalho teve início na monografia de conclusão da graduação em psicologia. Naquele ponto, foi possível articular a entrada na lei fálica à operação da função paterna. Neste trabalho de dissertação nos propomos a discutir essa articulação de maneira mais aprofundada e elaborar em que medida a própria estrutura da linguagem impõe por si só algo que é fundamental para a constituição do sujeito.

O lugar atribuído à função paterna na teoria psicanalítica é muito importante. Nos seminários de 1957-58 Lacan retoma algo daquilo que Freud já havia trabalhado no que se refere ao papel do pai na constituição do sujeito. No entanto, ele o faz a partir da concepção de que o inconsciente é estruturado como linguagem, noção que também está presente, de certa forma, nos textos de Freud, embora tenha sido designada como tal somente após o trabalho de Lacan.

Ao desenvolver o conceito de significante Nome-do-Pai, Lacan introduz a função paterna no nível do significante. Segundo sua teoria, há limites que são impostos pela própria constituição do sujeito na estrutura da linguagem. No entanto, estar nesta estrutura não é suficiente para garantir uma constituição na qual opere a lei fálica.

Há uma estrutura que é introduzida pela própria linguagem, no entanto, há algo que opera de maneira diferente entre os que estão submetidos à lei fálica e os que não estão. Lacan (1957-8/1999) designa a presença (ou não) do significante Nome-do-Pai na cadeia significante como determinante dessa diferença. Há, portanto, algo que é introduzido pela função paterna, que pode se inscrever ou não, que é fundamental para a

constituição do sujeito como tal, diga-se para que ele possa se submeter ao regime da lei fálica. A questão que se coloca, portanto, é compreender o que é isto que acontece e é tão essencial. Uma vez que a própria vigência da estrutura da linguagem produz um corte que liga necessariamente a constituição do sujeito a uma alteridade, o que determina que alguns possam ser constituídos de maneira que este corte opere e outros não?

Tomamos como ponto de partida, portanto, a concepção sobre o funcionamento inconsciente como estrutura de linguagem. Tudo aquilo que Lacan articula em relação ao que configura o complexo de Édipo, assim como à constituição do sujeito, só pode ser trabalhado a partir da sua compreensão sobre a estrutura de linguagem. Mas essa estrutura, embora só tenha sido descrita como tal por Lacan, já estava implicada na trajetória de Freud. Freud, com efeito, já havia se dado conta da importância da palavra no funcionamento inconsciente. Em artigos como os que tratam dos mecanismos do sonho e do chiste fica bastante claro o valor que Freud atribui à palavra. Verificamos como ele se dedica arduamente a buscar as associações de algum termo do discurso do paciente com outras palavras que o constituem. No primeiro capítulo - dedicado à questão da estrutura da linguagem – passaremos, portanto, brevemente por alguns pontos do trabalho de Freud. Este caminho é muito interessante, pois temos a impressão de ler em Freud uma tentativa de descrever o funcionamento da cadeia significante à qual Lacan se refere.

Lacan (1953/2011) retoma aquilo que Freud observou sobre o inconsciente e reintroduz um corte que é fundamental e que, no entanto, parece ter sido esquecido, ou atenuado, após sua morte. De acordo com Lacan, a estrutura de linguagem que caracteriza o inconsciente implica em um modo de funcionamento bastante diferente do que foi desenvolvido antes (e depois) de Freud. Consideramos fundamental, portanto,

nos aproximarmos um pouco daquilo que ele articula sobre o funcionamento inconsciente para tratarmos propriamente na questão da função paterna.

Examinamos, pois, sempre brevemente, o que Lacan desenvolve sobre a estrutura de linguagem, assim como sua compreensão sobre o significante. Lacan parte deste conceito, que é, inicialmente, do estudo da linguística, para se referir a algo do funcionamento inconsciente. Fazemos uma passagem pontual por alguns aspectos importantes da teoria de Saussure com vistas a destacar o que, apesar de partir de algumas premissas da teoria da linguística, há de novo naquilo que Lacan articula sobre o funcionamento do significante. O escrito sobre a instância da letra (1957/2011) é uma referência importante para o trabalho, na medida em que nele encontramos algumas articulações sobre a produção do conceito de significante tal qual Lacan o compreende.

Veremos que o conceito de significante aparece, na teoria de Saussure, como algo dependente do significado. Na teoria lacaniana há, entretanto, uma relação diferente entre significante e significado. O significante não tem a função de representar o significado, como na teoria de Saussure. Lacan designa o significante como uma ordem primordial em relação ao significado.

Passamos, assim, brevemente pelo conto *A Carta Roubada*, de Edgar Allan Poe, a partir do qual Lacan (1955-6/2011) faz uma articulação sobre a determinação do significante. *La lettre* – a carta ou a letra – constitui o personagem principal do conto, como considera Lacan. Isso acontece na medida em que a organização dos outros personagens do conto é determinada pela situação da carta/letra. Além disso, a carta/letra é desviada de seu percurso e, apesar disso, ela conclui sua trajetória. No conto, a carta destinada à rainha é retida, roubada. Isso implica em uma série de posicionamentos dos outros personagens que tem como consequência o retorno da carta

para as mãos da rainha. Discutiremos a partir desta referência o que Lacan aponta como estando em jogo na trama do conto bem como aquilo que Lacan isola como uma determinação significativa.

Outro desenvolvimento importante para nós é aquilo que Lacan expõe nos seminários de 1957-8 sobre o mecanismo da tirada espirituosa. Retornando ao artigo de Freud sobre o chiste, Lacan considera que, além daquilo que foi descrito em 1905, é possível ter notícia de algo a mais em relação ao funcionamento inconsciente. Além de reafirmar a operação de linguagem que está em jogo na formação da tirada espirituosa, Lacan afirma que a ausência de intencionalidade está implicada nela. Há um efeito surpresa, algo com o qual o sujeito se encontra quando o chiste se produz.

Há uma possibilidade de satisfação que é aberta pelo mecanismo da tirada espirituosa que parece ter um lugar privilegiado no campo da comunicação. Uma vez que a fala não corresponde a uma intencionalidade, aquilo que se diz é sempre diferente do que se queria dizer antes. Além disso, é característica do significante que ele tenha como efeito diferentes possibilidades de significação. Assim, quando diz alguma coisa, o sujeito não pode garantir que o outro, a quem ele se dirige, atribuirá à mensagem recebida determinada significação. Para que houvesse satisfação na comunicação seria necessário que algo se realizasse ao mesmo tempo no sujeito, ao falar, e no outro, ao receber a mensagem. No entanto, isso não é possível. Esta é uma questão fundamental para nós, na medida em que se refere a uma impossibilidade de satisfação final que é imposta pela estrutura de linguagem. Para entrar nesta estrutura, o sujeito terá que se submeter a uma limitação que está implicada na comunicação.

O segundo capítulo se dedica às questões da função paterna e do complexo de Édipo. Passamos, assim, por alguns pontos da obra de Freud, com o objetivo de

observar como essas questões se desenvolvem no seu trabalho. Na medida em que o mito de Édipo constitui uma referência fundamental para o desenvolvimento da teoria freudiana, consideramos importante lembrá-lo.

Na tragédia *Rei Édipo*, de Sófocles (427 a.C./2011), Édipo é aquele que, apesar de tentar fugir do destino que lhe foi previsto por um oráculo, segue a fio aquilo que diz a profecia: mata seu pai e casa-se com sua mãe. A partir de sua experiência clínica, Freud considera que a relação com os pais tem fortes consequências para constituição do sujeito. Veremos que, ao longo do desenvolvimento do seu trabalho, Freud procura compreender como essa relação acontece. Freud percebe que a neurose está articulada a uma questão da sexualidade, mas lhe foi necessária certa dedicação a esta questão para que ele pudesse articulá-la.

Em um primeiro momento, Freud acreditou que a neurose estaria articulada a uma situação de sedução, pela qual o sujeito teria passado na infância, e que causaria um trauma. Veremos, no entanto, que sua hipótese não tardou em ser reformulada. Freud percebeu que, na verdade, não se tratava disso. Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/1972) afirma a existência de sexualidade na infância. Esta ideia constituía algo novo para o pensamento daquela época e introduz uma nova compreensão sobre o posicionamento do sujeito em suas relações com os outros na infância. A criança deixa de ser compreendida como alguém que é vítima de uma sedução e passa a ocupar o lugar de alguém que busca satisfação sexual e elege objetos para isso.

A questão do complexo de Édipo é referida em diversos momentos do trabalho de Freud. No segundo capítulo deste trabalho, tomamos como referência alguns desses momentos que consideramos importantes para a compreensão dessa questão. Freud

afirma que, na medida em que existe sexualidade desde os momentos mais iniciais da vida, aquilo que constitui o primeiro objeto da pulsão é o seio da mãe. Mais tarde, a mãe – como um todo – será o objeto da criança. Na medida em que o pai representa aquele que impede a união com a mãe, ele é considerado alguém hostil. A analogia com o mito de Édipo é estabelecida na medida em que aquilo que ele realiza – mata o pai e une-se a mãe - representa o que cada criança deseja em algum momento de sua constituição.

A figura do pai como detentor da lei aparece em *Totem e Tabu* – trabalho no qual Freud se propõe a contribuir para uma compreensão social e acaba por observar e dar lugar a algo que se refere à constituição do sujeito. Já nesse trabalho de 1913, Freud designa o pai como aquele que dita a lei. Veremos que seu estudo sobre os grupos primitivos o leva a constatar que as proibições que operavam na maioria das tribos – a proibição do incesto e do homicídio – eram características de um sistema que veio substituir e representar o patriarcado: o totemismo. Freud considera que a veneração e respeito pelo animal ou elemento totêmico seria uma maneira de representar a submissão à lei do pai morto. Esta é uma articulação muito importante da teoria freudiana e é considerada por Lacan. Este articula a possibilidade de operação significativa à morte do pai. De acordo com Lacan, é necessário que o pai esteja morto (simbolicamente) para que seu significante possa operar como lei.

Passamos também pelo artigo *O Ego e o Id* (1923/1976) no qual o supereu é apresentado como algo que se constitui a partir do desfecho do complexo de Édipo e que é determinante na constituição do sujeito. Veremos que Freud explica que é uma parte do próprio psiquismo que é responsável por regular o que pode ser consciente e o que deve ser recalçado.

Em seguida, discutimos a importância daquilo que se articula a partir do desfecho do complexo de Édipo. Veremos que a ameaça de castração tem como consequência o posicionamento do sujeito em relação à sexualidade. Diante da possibilidade imaginária da perda do pênis, o menino pode identificar-se com o pai ou com a mãe, adotando uma postura ativa ou passiva. A menina, por sua vez, diante da constatação de que não possui um órgão como o masculino, pode identificar-se com aquele que o possui - o pai - ou com aquela que o deseja - a mãe.

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud (1925/1976) discute algumas diferenças que existem entre o desenvolvimento do complexo de Édipo nos meninos e nas meninas. Ele considera que, no caso dos meninos, o complexo de castração é algo que se articula ao declínio do Édipo. O medo da castração, segundo Freud, é o que levaria à renúncia ao desejo de unir-se à mãe. No caso das meninas, no entanto, a ameaça de castração é aquilo que introduz as questões edípicas. Segundo Freud, a partir do momento em que a menina percebe que há um órgão fálico que ela não possui, ela passa a desejá-lo. Como não poderá tê-lo, a menina deseja, então, ter um filho (FREUD, 1925/1976). É importante ressaltar que, apesar do desenvolvimento apresentado por Freud nesse texto, Lacan afirma que as questões do Édipo estão postas desde os momentos mais iniciais da vida para todos.

Além de discutir como a função paterna opera no momento do Édipo, consideramos importante abordar suas ressonâncias posteriores. Passamos, assim, por alguns pontos do trabalho de Freud em que ele as discute. *Um Distúrbio de Memória na Acrópole* (FREUD, 1936/1976) é um trabalho muito interessante, no qual Freud testemunha uma experiência pessoal. Ele relata que, certa vez, em uma viagem à Corfu, ele foi acometido pelos sentimentos de surpresa e depressão. Segundo sua análise, Freud teria se sentido desta maneira, pois conhecer a Acrópole era algo que ele

considerava extraordinário. Além de ser um lugar que ele gostaria muito de conhecer, era um lugar onde seu pai não poderia ter ido pelas condições de vida e trabalho. Freud articula o mal-estar ao fato de ele ter realizado algo para além daquilo que seu pai poderia fazer. Há, de acordo com Freud, um sentimento de respeito em relação ao pai que opera durante toda vida. Veremos que Freud se refere também a um sentimento de culpa, em relação aos desejos que estão implicados no complexo de Édipo e que são recalçados.

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud (1938/1975) se refere a uma analogia entre a posição de um líder religioso, como Moisés, e a função que é exercida pelo pai. Veremos que, ao identificá-lo ao líder religioso, Freud articula a função do pai a uma renúncia à satisfação. Aqueles que são designados por Freud como representantes da autoridade paterna, têm sempre a função de ditar o que deve e o que não deve ser feito e são muito respeitados e temidos.

Após passar por alguns pontos sobre o complexo de Édipo e a função paterna na teoria freudiana, discutimos aquilo que Lacan descreve sobre os três tempos do complexo de Édipo. É importante perceber que em cada um dos momentos descritos, a função do pai acontece de uma maneira distinta. No primeiro momento, não há presença real do pai, no entanto, sua função opera na medida em que sua interdição se revela na relação entre a criança e a mãe. É na medida em que aquilo que o sujeito deseja é ser objeto de desejo da mãe e ela se dirige a outro objeto, o falo, que a função do pai é exercida.

No segundo tempo, a criança percebe que é o pai aquele que detém o falo. O pai ocupa, então, a posição daquele que pode privar a mãe daquilo que ela deseja. Há uma lei que está para além da mãe. No terceiro momento, Lacan afirma que o pai precisa

provar a sua potência, sustentando o lugar daquele que possui o falo. Este último tempo é importante, pois representa o desfecho do complexo de Édipo. O menino poderá se identificar à imagem do pai e esperar o momento em que possa usar sua própria potência sexual.

Em relação àquilo que Lacan afirma sobre a função do pai, veremos que ele tem grande preocupação em distinguir sua função na família e no complexo de Édipo. Lacan afirma que é essencial observar que a posição de bom pai no contexto da família não garante, de forma alguma, que o pai possa exercer sua função no complexo. Para isto é preciso que sua lei esteja presente no discurso da mãe. Como verificamos na descrição de Lacan sobre os três tempos do Édipo, é necessário que, na relação da criança com a mãe, esteja presente a lei do Outro.

Nesta direção, abordamos também o caso Hans, a partir do qual Lacan (1956-7/1995) discute a questão da função paterna. É interessante observar que, apesar de ser um pai exemplar em relação aos cuidados com o menino, ele não tem autoridade uma vez que sua palavra não tem valor para a mãe.

No terceiro capítulo, examinamos a questão da metáfora paterna e suas consequências para a constituição do sujeito. Uma vez que Lacan designa a função do pai como uma operação de linguagem – ela não pode ser compreendida fora deste registro – retomamos a questão da metáfora, com o objetivo de compreender em que medida o posicionamento do pai no complexo de Édipo pode se articular a essa função. Além disso, discutimos algumas consequências da operação da função do pai para o funcionamento inconsciente.

Consideramos, assim, o conceito de significante Nome-do-Pai, ao qual Lacan se refere nos seminários de 1957-8. Na medida em que a função paterna se exerce como

metáfora, o significante Nome-do-Pai é aquele que substitui o primeiro significante simbolizado, que é o da mãe. É a partir dessa operação que poderá emergir o sujeito, como tal (LACAN, 1957-8/1999). Tratamos, portanto, da importância da inscrição deste significante, na medida em que é apenas a partir desta inscrição que o sujeito pode estar no registro lei fálica.

Retomando as indicações do seminário *as formações do inconsciente* (1957-8) a partir daquilo que Fernandes e Costa-Moura (2009) articulam, discutimos também a função do significante fálico na produção de significações. Veremos que este, assim como o Nome-do-Pai, é um significante essencial. Se o Nome-do-Pai é o significante que garante a própria existência e a determinação significante como tal, o significante do falo permite que o sujeito recalque a própria possibilidade de infinitas significações.

É interessante observar que, se no primeiro capítulo nos dedicamos à questão da ambiguidade da linguagem, no terceiro ressaltamos a importância de que o sujeito esteja inserido em uma ordem simbólica para que ele possa se comunicar, de alguma maneira, como os outros. Uma questão não contraria a outra.

Há uma limitação na comunicação na medida em que a fala não corresponde à intencionalidade. Portanto, a mensagem não se realizará nunca no sujeito e no Outro da mesma maneira, uma vez que não há apenas uma única significação possível. A inscrição do significante Falo permite que, ao escutar “cachorro”, por exemplo, o sujeito possa recalcar a possibilidade de outras significações para esse significante, além da do animal. Apesar disso, há sempre a possibilidade de ambiguidade.

Fernandes e Costa-Moura (2009) explicam que o significante Falo está implicado na significação e que esta só acontece dentro das possibilidades da determinação significante. No escrito sobre a instância da letra, ao se referir à

determinação significante, Lacan (1957-8/2011) afirma que ela opera de tal modo que o sujeito é como “servo da linguagem” (LACAN, 1957-8/2011 p.226). Isso acontece na medida em que tudo que se refere ao funcionamento inconsciente do sujeito só pode se constituir dentro daquilo que a lei do significante permite. Isso é fundamental.

Ainda em relação à determinação significante, discutimos sua operação na transmissão. Lo Bianco (2008/2009) explica que quando algo é transmitido de um sujeito para outro, não há nada de natural ou automático. Na medida em que se está submetido à lei da linguagem, tudo o que se refere ao natural dá lugar à lei do significante. Lo Bianco discute a transmissão que há entre pai e filho no Édipo. Ela explica que o sujeito precisa fazer valer a palavra do pai, mas isso não o exime de um posicionamento ético. Se, por um lado a palavra do pai precisa operar, por outro, o sujeito precisa fazer algo dela.

Uma vez que fica estabelecido que é essencial que o sujeito tome um posicionamento ético para que possa ocupar um lugar a partir da palavra do pai, consideramos importante passar por aquilo que Lacan articula sobre a questão da ética. Tomamos como referência os seminários de 1959-60, nos quais Lacan se dedica a essa questão.

Veremos que em seu trabalho sobre a ética, Lacan (1959-60/2008) nos mostra que já em trabalhos muito iniciais de Freud - como *Projeto para uma psicologia científica* de 1895 - ele se refere à existência de algo que tem a função de limitar o prazer no aparelho psíquico. Lacan explica que essa ideia acompanha o desenvolvimento da teoria freudiana. Veremos que o princípio do prazer, apresentado como tal apenas mais tarde, é regulado pelo princípio de realidade. Este último

possibilita que haja um adiamento da satisfação para que o sujeito possa se dedicar a outras atividades.

Lacan (1959/2008) articula a necessidade de algo que imponha um limite ao prazer à impossibilidade de encontro com o objeto imposta pela linguagem. Consideramos que a condição de impossível que há no encontro com o objeto é o que faz com que o sujeito permaneça desejando. Caso o encontro fosse possível, algo se concluiria. A falta do objeto último da satisfação é, assim, determinante para o funcionamento inconsciente.

Veremos que o próprio funcionamento da pulsão é totalmente articulado a essa impossibilidade de encontro com o objeto. Freud se refere a uma satisfação que acontece no percurso da pulsão. Uma vez que não é possível chegar ao objeto, a possibilidade de satisfação na trajetória da busca é sempre parcial, como afirma Freud – e, no entanto, incessante.

O conceito de objeto tem um lugar muito importante na teoria psicanalítica. Nos referimos a alguns pontos de trabalhos de Freud – seu artigo sobre a pulsão - e de Lacan – seminários de 1964 - onde se distingue tal questão. Apesar de ser um desenvolvimento importante não foi possível fazer caber neste trabalho uma abordagem mais aprofundada do conceito lacaniano de objeto *a*. No entanto, não poderíamos deixar de mencionar a articulação entre a função do pai e a impossibilidade de encontro com o objeto, determinante para o funcionamento inconsciente.

Capítulo 1: A Estrutura da Linguagem

Consideramos que só há função paterna para um falante. No entanto para chegarmos a esse ponto, é necessário passar por aquilo que Lacan articula sobre a estrutura da linguagem. Ele designa a função do pai como uma operação de linguagem. Portanto, tudo aquilo que se refere à função paterna e ao complexo de Édipo - tal como Lacan os compreende - acontece dentro de uma estrutura que é de linguagem.

Nos seminários de 1957-58, Lacan trata da importância da função paterna na constituição do sujeito. Na medida em que o inconsciente é estruturado como linguagem, ele articula esta função à possibilidade de inscrição daquilo que denomina significante Nome-do-Pai. Lacan nos mostra como, por ser este um significante que irá substituir outro, a função paterna se constitui como metáfora. Consideramos, assim, fundamental passar por aquilo que ele designa como lei da linguagem, que estrutura o inconsciente, para nos aproximarmos da sua compreensão sobre a função paterna.

1.1 O significante

Ao trabalharmos o conceito de significante, tal como a psicanálise o compreende, precisamos considerar que ele não está dado. Lacan produz este conceito. Ele parte de algumas referências do estudo da linguística para compreender a organização inconsciente. É importante ressaltar, no entanto, que a concepção lacaniana de significante é diferente daquela da qual a linguística trata, como veremos mais adiante. Aquilo que Lacan demonstra é que a ideia de uma estrutura de linguagem já estava presente na teoria de Freud. Ele resalta que no seu estudo sobre os sonhos, por exemplo, Freud confere grande importância às palavras escolhidas para a narrativa dos pacientes (FREUD, 1900/1969 citado por LACAN, 1957/2011).

É importante observar que a noção de uma estrutura de linguagem não está presente apenas nesse trabalho de Freud. Encontramos, ao longo do desenvolvimento de sua teoria, indícios de que aquilo que ele descreve sobre o inconsciente se trata de uma estrutura de linguagem. Veremos que, no artigo sobre o chiste, ao examinar as formações das tiradas espirituosas, o que Freud (1905/1969) encontra é um jogo de palavras. Em *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901/1969), ele mostra como o esquecimento de uma palavra pode dizer algo sobre o funcionamento psíquico. O que ele afirma é que há acontecimentos da vida cotidiana (como o esquecimento de um nome) que, por mais que sejam atribuídos à casualidade, não acontecem absolutamente por acaso. Encontramos indicações de uma estrutura linguagem também nos casos clínicos analisados por Freud.

No caso Schreber, por exemplo, podemos perceber que a formação do delírio acontece por um jogo de linguagem. Freud nos mostra que é a partir de uma afirmativa que se impõe a Schreber – eu amo ele – e que é contrariada, que surge a articulação “eu não o amo – eu o odeio” (FREUD, 1911/2010 p.84). No entanto, pela impossibilidade de que esta articulação seja consciente, na paranóia “eu o odeio” se transforma em “ele me odeia, portanto, me persegue”. Não nos estenderemos na análise deste caso. No entanto, é essencial acentuar que o fato de que Freud levava em consideração o efeito que a linguagem e seus mecanismos têm no funcionamento inconsciente aparece também em suas discussões de casos clínicos.

Assim, ao retornarmos à obra de Freud, podemos perceber a relevância que a palavra tem no desenvolvimento da sua teoria. É fundamental ressaltar, no entanto, que isso não seria possível sem que tivéssemos passado pela leitura de Lacan. Este se refere a um esquecimento dos fundamentos da fala e da linguagem (LACAN, 1953/2011) que

caracteriza o que foi feito da psicanálise depois da morte de Freud, até que ele – Lacan – pudesse trazê-los de volta a um lugar importante na psicanálise.

Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1901/1977) assinala a importância da fala para a aproximação de ideias inconscientes. Ele explica que, ao falar, o sujeito diz algo além do que tem a intenção e, ainda mais importante, além do que sabe conscientemente (FREUD, 1901/1969). De acordo com Freud, os sonhos são compostos por uma narrativa e cada fragmento deles é importante para que se possa decifrá-los. Freud (1901 citado por Lacan, 1957/2011) se refere ao sonho como um enigma que se apresenta como imagem e devemos considerar as palavras escolhidas em sua narrativa para decifrá-lo.

Ele compreende que, no relato de um sonho, cada um dos elementos deve ser interpretado individualmente pela própria pessoa que o produziu. O que Freud nos diz nesse momento é que, ao buscar associações com um determinado elemento onírico, o sujeito pode descobrir o que aquilo significa para ele e como se articula com outros fragmentos do seu discurso (FREUD, 1901/1969). Esta ideia se aproxima daquilo que Lacan descreve como um deslizamento na cadeia significante que é responsável pela produção do significado. Retornaremos a esta articulação.

Para a elaboração da sua teoria sobre a linguagem, Lacan teve como uma de suas referências o trabalho de Saussure. Este desenvolvimento pode ser encontrado no escrito “A Instância da Letra ou a Razão desde Freud”, de 1957. É importante perceber que Lacan tem como referência algumas premissas do estudo de Saussure da linguística, no entanto, há um corte importante entre a teoria de Saussure e aquilo que ele desenvolve na psicanálise (LACAN, 1957/2011).

Propomos, assim, uma breve visita à linguística de Saussure para nos situarmos em relação a essas premissas que Lacan tem como referências para sua teoria. No entanto, adiantamos que aquilo que Lacan desenvolve faz um corte com a teoria da linguística por introduzir algo que é fundamentalmente distinto – chegaremos a este ponto mais adiante.

Saussure (1916/2010) designa como trabalho da linguística a descrição das línguas e suas histórias, assim como sua organização em famílias e a eleição das línguas-mães - que teriam dado origem às outras. Ele se refere também à necessidade de determinar o que ele denomina de “forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas”, assim como “deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história” (SAUSSURE, 1916/2010 p.13). Nos chama atenção que ele se refira a leis gerais que seriam determinantes em relação a toda a história. Veremos que Lacan se refere a uma lei de linguagem que tem efeitos na constituição do sujeito.

Ao discutir a relação da linguística com outros estudos, Saussure questiona qual seria sua relação com a psicologia e destaca-se a afirmativa de que “tudo é psicológico na língua” (SAUSSURE, 1916/2010 p.14). É importante ressaltar que língua e linguagem não se confundem na teoria de Saussure (1916/2010): a linguagem é uma faculdade e o conceito de língua se refere ao seu exercício. A língua é, portanto, considerada uma parte da linguagem: sua expressão social. Saussure considera, no entanto, que é apropriado tomar aquilo que concerne à língua como referência para as outras “manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 1916/2010 p.16-17). Se na teoria de Saussure, a língua é determinada por aquilo que é psíquico, o que Lacan afirma é o oposto. Aquilo que Lacan encontra e descreve é que o inconsciente é determinado pela linguagem, uma vez que ela está em sua estrutura.

Outro aspecto importante da teoria de Saussure é que o significado se refere a um conceito e o significante seria uma composição formada pelas representações gráfica e sonora desse conceito. Segundo a teoria de Saussure (SAUSSURE, 1916 citado por LACAN, 1957/2011), o algoritmo $\frac{S}{s}$ (significante sobre significado) constitui o signo. Saussure afirma, no entanto, que o signo é arbitrário. Ele explica que a ideia de um conceito - ele se refere ao mar, por exemplo – não tem nenhuma relação com o som produzido pelo conjunto de letras que o representa. Saussure acredita que qualquer outra sequência de letras poderia representar o mar.

Segundo Lacan (1957/2011), teria sido a partir do algoritmo de signo que a linguística teria sido fundada como ciência. É importante ressaltar que o algoritmo designa uma relação primordial entre significante e significado como ordens distintas e é a partir desta separação que Lacan desenvolve seu trabalho. Se, na teoria de Saussure, significante e significado são articulados e dependentes na representação do signo, Lacan descreve sua relação considerando a barra que os separa no algoritmo. De acordo com ele, esta separação possibilita o estudo das características próprias do significante e, principalmente, da sua função na determinação do significado (LACAN, 1957/2011 p.228). O corte existe na medida em que, na teoria lacaniana, significante e significado constituem ordens distintas e há uma hierarquia, na qual o significante é primordial.

Lacan enfatiza que é essencial compreender que o significante não tem a função de representar o significado. Fica estabelecido que uma das características do significante é articular-se e que ele se estrutura a partir de leis estabelecidas pelo que Lacan designa como uma “ordem fechada” (LACAN 1957/2011 p.232). Ele explica que, em uma formação gramatical, a disposição da cadeia significante é determinante na

constituição de um sentido; no entanto, o sentido não pode ser localizado em nenhum significante em sua unidade.

Só podemos entender o sentido de uma frase quando a última palavra dela é pronunciada. Isto se deve ao efeito de *nachträglich* do significante, algo que só é possível conhecer depois, *à posteriori*. Isto determina não apenas que o sentido da frase só possa ser compreendido depois que ela tenha sido completamente pronunciada, mas também que a situação de cada um dos significantes que a compõem só pode ser conhecida depois que se tenha escutado todos eles.

Lacan afirma, portanto, que “a noção de um deslizamento incessante do significado sobre o significante se impõe”. (LACAN 1957/2011 p.233). É proposta, assim, a imagem de colares formados por anéis – a ligação entre os anéis possibilita a própria constituição dos colares, assim como a conexão entre diferentes colares - para ilustrar sua concepção sobre a cadeia significante. Os significantes se organizam como os anéis do colar. Cada colar se liga a outros colares por um anel, um significante, e o significado se produz pelo deslizamento sobre esta cadeia. Chegamos aqui ao que se aproxima a um dos pontos articulados por Freud no artigo sobre a formação dos sonhos: pelas associações a partir de um elemento onírico, seria possível descobrir o que ele significa para o sujeito que sonhou. Essas associações são as da cadeia significante. Ao evocar a que um elemento - uma palavra - remete, o sujeito pode se encontrar com as associações que o constituem e se aproximar do significado que aquilo tem para ele. Naquele momento, Freud encontrava e dava lugar a algo que é essencial em relação ao funcionamento inconsciente.

Já observamos que o conceito de significante, tal como a psicanálise o compreende, não está dado. Há uma construção deste conceito, que tem início no

trabalho de Freud e é retomado por Lacan. Na lição de 4 de dezembro de 1957, ao retornar ao artigo de Freud sobre o chiste, Lacan explica que é importante perceber que, naquilo que Freud descrevia ali, surgia a dimensão do significante. Como ressaltamos, podemos perceber desde o início do trabalho de Freud a importância que ele designa às palavras. Seu que seu cuidado em escutá-las no relato dos sonhos e pedir que o autor do sonho buscasse associações é descrito detalhadamente em seu trabalho de 1901. No trabalho sobre o chiste, Freud (1905/1969) tem grande dedicação em mostrar que, assim como os sonhos, os chistes são também formados a partir de mecanismos da linguagem. Ele considera, assim, que aquilo que ele percebera, a princípio, sobre a constituição dos sonhos se refere, na verdade, a todo funcionamento psíquico.

No escrito sobre a letra, Lacan (1957/2011) comenta que é possível que tenha sido a partir do trabalho de Freud que o estudo da linguística pôde se desenvolver. Dando um passo adiante, Lacan toma o conceito de significante para nomear aquilo que Freud descreve. Ao longo de seu trabalho, Lacan retorna com certa frequência ao conceito de significante, descrevendo seu funcionamento e seus efeitos. A definição que ele propõe desde o início e retoma no vigésimo seminário é: “O significante (...) se caracteriza por representar um sujeito para outro significante” (LACAN, 1972-3/2008 p.55). Podemos perceber que esta afirmação mostra uma relação especial entre sujeito e significante.

A ideia de que o significante representa o sujeito talvez não seja tão surpreendente. Já no estudo da linguística os significantes aparecem como representações de coisas. No entanto, que a representação aconteça para outro significante, não nos parece evidente. O que Lacan articula é que a representação do sujeito é algo que surge entre dois significantes, mas não apenas isso. Na mesma lição, de 3 de janeiro de 1973, Lacan afirma que o sujeito é constituído pelo deslizamento na

cadeia significante. Fica estabelecido que o sujeito é o que pode emergir como efeito de algo entre dois significantes. A compreensão de Lacan é que não apenas sua representação, mas a constituição do sujeito em si é algo que está submetido ao significante.

1.2 Linguagem e Inconsciente

No seminário 11, Lacan (1964/2008) trabalha o conceito de inconsciente, tal como Freud o compreende. Ele afirma que foi a partir da observação dos tropeços, do que aparece como estranho no discurso, que Freud pôde articular algo do funcionamento inconsciente. Lacan se refere, portanto, a essa determinação significante que é essencial. Há relações que são estabelecidas antes da própria existência do sujeito. É fundamental perceber que o sujeito não cria essas relações, mas é constituído por elas.

É a partir do significante do Outro que o sujeito se constitui. Lacan se refere a este conceito, que certamente exige uma compreensão mais minuciosa, mas neste ponto vamos aproximá-lo da ideia de ordem simbólica. Lacan o designa, neste momento de seu trabalho, como sede do significante. Para entrar na estrutura da linguagem, o sujeito precisa se submeter às relações significantes que já estão estabelecidas neste registro. O sujeito só se constitui como tal uma vez que está dentro do discurso do Outro, não existe fora. Lacan afirma:

“O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer.” (LACAN, 1964/2008, página. 200).

Há, portanto, o Outro que se refere ao simbólico e há os chamados “pequenos outros” que são as pessoas com quem o sujeito se relaciona. Os pais, que constituem os

primeiros outros, estão, do mesmo modo, inseridos no registro do Outro. Aquilo que os constitui, a maneira como eles se relacionaram, as expectativas e os planos que antecedem as próprias relações da criança e o seu nascimento são bastante determinantes no que se refere ao lugar que ela poderá ocupar.

No escrito sobre a instância da letra, Lacan (1957/2011) se refere às expectativas que os pais têm em relação ao filho mesmo antes que ele tenha nascido. A criança, desde o momento em que nasce, é convocada a ocupar um lugar na família. Os pais esperam que o filho tenha uma determinada personalidade e corresponda a seus ideais. A partir deste lugar que é estabelecido para ele, o sujeito pode se posicionar. Tal posicionamento consiste em aceitar ou recusar aquilo que lhe foi designado.

A ideia de recusa, no entanto, merece atenção, pois quando não aceita algo que lhe foi determinado, o sujeito está tão submetido a isto quanto se o aceitasse. A recusa não o permite sair daquilo que foi determinado. O sujeito se constitui a partir da determinação significante, independentemente do posicionamento que ele tome. É essencial ressaltar que a estrutura da linguagem tem uma função peremptória na constituição para o sujeito. No terceiro capítulo, retomaremos a questão da constituição do sujeito considerando que há uma questão ética implicada no posicionamento que ele pode tomar a partir do que lhe é designado.

Lacan afirma, portanto, que a determinação do significante tem uma incidência tão forte que o sujeito é como um “servo da linguagem” (LACAN, 1957/2011 p.226). Ele explica que a cultura está, da mesma maneira, submetida à linguagem. Isso acontece na medida em que mesmo as tradições mais antigas de uma sociedade só podem ser transmitidas segundo as leis da cadeia significante. A estrutura da sociedade é, ela também, submetida à linguagem. O grupo social não cria as relações que o constituem,

mas se constitui a partir de articulações possíveis dentro daquilo que a estrutura da linguagem determina.

No escrito sobre a carta roubada, Lacan (1955-6/2011) se refere a uma determinação que a carta/letra (*lettre* e *letter*, que designam tanto carta como letra no francês e no inglês, respectivamente – esta última é língua original do conto) carrega consigo. Ele nos apresenta uma análise do conto de Poe, no qual uma carta é extraviada de seu percurso e observamos as consequências disto.

A narrativa do conto se desenvolve a partir do roubo de uma carta que a personagem da rainha recebe de alguém que não nos é apresentado. Não conhecemos, tampouco, o texto da carta. Sabemos, apenas, que se trata de uma correspondência que colocaria a destinatária em uma situação comprometedoras em relação ao rei. A posse da carta constitui, portanto, uma situação de poder. A qualquer momento, a carta pode ser entregue ao rei, o que deixa a rainha em estado de constante angústia. No entanto, no mesmo momento em que aquele que roubou a carta a entregasse ao rei, ele perderia também seu poder. Tal circunstância o coloca em uma situação difícil: se, por um lado, ele está em uma posição de poder, pois poderia entregar a carta ao rei, por outro, esse poder se encerraria no instante em que o fizesse. A consequência disso é que ele não entrega a carta a ninguém. Sobre este que realizou o roubo, conhecemos muito pouco também. Sabemos apenas que é um ministro e algumas características sobre sua personalidade lhe são atribuídas ao longo da narrativa.

Muito pouco é descrito sobre as características dos personagens. Aqueles sobre os quais temos mais informações são Dupin, que soluciona o problema do roubo e o delegado de polícia, que fracassa apesar de seus esforços. Dupin é o único personagem nomeado no conto, os outros são designados por seus cargos políticos. A omissão dos

nomes é algo que chama atenção e nos remete ao título do conto – a carta/letra roubada. Já no início da narrativa, ao nos encontrarmos com a omissão dos nomes, que é a cada vez representada pela presença de uma letra inicial seguida de reticências, temos a impressão de que algo nos foi privado também.

O desenvolvimento do conto torna-se mais instigante na medida em que o delegado narra uma busca minuciosa pela carta e, no entanto, quem a encontra é Dupin. Para explicar como alcança tal feito, o personagem se refere a um jogo no qual um jogador tenta adivinhar se o outro tem na mão um número par ou ímpar de bolinhas. A cada vez que um jogador acerta a escolha do outro, ele ganha uma bolinha de seu adversário.

O que o personagem de Dupin argumenta é que, para prever como o outro vai agir, é preciso tentar se colocar no lugar dele, isto é, ver a situação do ponto de vista que ele veria. Da mesma maneira que o jogador, que sempre adivinhava se o adversário escolherá par ou ímpar por supor o que ele teria como estratégia de jogo, Dupin se coloca no ponto de vista daquele que roubou a carta. O ministro, conhecendo o método minucioso de investigação da polícia, não esconderia a carta, mas a deixaria em algum lugar acima de qualquer suspeita: é precisamente no porta-cartas de sua casa onde Dupin a encontra.

Segundo Lacan (1955-6/2011), aquilo que o conto apresenta é um revezamento dos lugares que se constituem em torno da carta e que são ocupados por pessoas diferentes, a cada vez. Entre os envolvidos na trama da carta roubada, há sempre um lugar que é daquele que não vê: representado no primeiro momento pelo rei e no segundo pela polícia. Há também o lugar daquele que percebe que o primeiro não vê: ocupado inicialmente pela rainha e depois pelo ministro. Por fim, há um terceiro lugar

ocupado por alguém que, por se dar conta daquilo que os dois primeiros vêem, pode perceber o que eles não enxergam: primeiro o ministro, depois Dupin.

Lacan designa a carta como “o sujeito verdadeiro do conto” (LACAN, 1955-6/2011 p.36), na medida em que ela tem um percurso a ser percorrido. De acordo com Lacan, é isso o que afirma sua incidência de significante - ela tem uma trajetória própria. É característica do funcionamento do significante que ele alterne seu lugar. Lacan designa este deslocamento como aquilo que é responsável por determinar “os sujeitos nos atos” (LACAN, 1956/2011 p.37), assim como tudo que se refere ao seu destino. O caminho que o sujeito poderá seguir, assim como aquilo que ele irá recusar ou aceitar, aquilo no qual ele terá sucesso ou não, tudo isso não está fora da determinação significante.

Lacan afirma ainda que, não apenas o sujeito, mas os sujeitos - levando em consideração a intersubjetividade - seguem “a rota do simbólico” (LACAN, 1956/2011 p.37). É essencial perceber que Lacan designa o efeito significante como extremamente determinante em cada momento da existência do sujeito. Ele afirma que os sujeitos “modelam seu próprio ser sobre o momento que os percorre da cadeia significante” (LACAN, 1956/2011 p.37). O significante, em seu incessante deslizamento, determina aquilo que pode emergir de sujeito de acordo com o lugar que ele (o significante) ocupa na cadeia significante a cada momento.

A carta/letra está, portanto, em um lugar central no conto. Sua condição momentânea define o lugar que os personagens poderão ocupar. Além disso, ela tem um percurso que, por mais que passe por um desvio, é realizado. A carta retorna às mãos da rainha, a quem foi destinada, seguindo o curso que é determinado pela letra, pelo significante.

Lacan compreende o inconsciente como estruturado pela linguagem. É muito interessante a maneira como ele pôde, mais uma vez a partir do trabalho iniciado por Freud, chegar a esta formulação. No início do décimo primeiro seminário, ele dedica uma lição a este conceito e expõe os fundamentos de sua afirmação. Nesse trabalho, ele faz alusão, mais uma vez, às relações que são estabelecidas antes que o sujeito se constitua. Ele se refere a isso, que abordamos, que organiza e determina o que poderá surgir tanto no que se refere ao sujeito quanto ao coletivo.

Lacan se refere, assim, a uma hiância que é característica do funcionamento inconsciente. Segundo ele, considerar que há algo que falha, manca, é aquilo que é mais importante no que Freud articula sobre o inconsciente. Há um corte, uma descontinuidade, que Lacan afirma estar no domínio do significante.

1.3 Metáfora e Metonímia

Retornemos, por hora, ao escrito sobre a instância da letra no inconsciente, no qual Lacan trabalha alguns aspectos muito importantes sobre a estrutura da linguagem. Lacan descreve, nesse texto, dois mecanismos que determinam o funcionamento inconsciente: a metáfora e a metonímia (LACAN, 1957/2011). É muito interessante a maneira como Lacan articula o funcionamento destes mecanismos de linguagem, que conhecemos a princípio pelo estudo da gramática, ao funcionamento inconsciente.

De acordo com ele, a metáfora é uma função que pode ser definida pela fórmula “uma palavra por outra” (LACAN, 1957/2011 p. 242). Lacan explica que ela acontece quando colocamos um termo no lugar de outro e este, apesar de oculto, não deixa de ter efeito. É importante observar que, na medida em que Lacan designa essas funções da linguagem como parte do funcionamento inconsciente, é da cadeia significante que

estamos falando. O sentido emerge, portanto, entre dois significantes: um dito e um oculto. É importante notar que o significante substituído está velado e, no entanto, não deixa de operar. (LACAN 1957/2011). Lacan afirma que este significante oculto se associa a outros na cadeia por metonímia.

Somos levados então a este outro mecanismo. Metonímia é a função de linguagem que se caracteriza pela substituição de uma palavra por outra que possui o significado aproximado ou semelhante. O fato de acontecer a troca de um significante por outro nos dois mecanismos pode causar alguma confusão.

Ao se aprofundar no estudo da tirada espirituosa nos seminários de 1957-8, Lacan percebe tal dificuldade e dedica-se a descrever como esses mecanismos acontecem, além de explicar a diferença entre eles. Fica estabelecido que, no caso da metonímia, o significante que aparece no lugar do outro já tinha, na cadeia significante, uma relação com o substituído. Lacan se refere novamente a um exemplo que já havia trabalhado no escrito sobre a instância da letra: o das trinta velas.

Naquela ocasião, ele se refere à definição mais conhecida deste mecanismo a que temos acesso no estudo da gramática que é da representação da “parte tomada pelo todo” (LACAN, 1957/2011 p.236). Ele mostra que é importante ter cuidado com tal descrição, pois não se trata de uma correspondência direta com o real. Se assim fosse, seria necessário saber quantas velas cada uma das embarcações possuiria para calcular o número de barcos. Segundo Lacan, ao pronunciar-se “trinta velas” refere-se a trinta barcos. Ele afirma:

“A metáfora vincula-se à função conferida a um significante S no que ele substitui um outro na cadeia significante. A metonímia, por sua vez, consiste na função assumida por significante S no que ele se relaciona com outro significante na continuidade da cadeia significante. A função atribuída à

vela em relação ao navio está numa cadeia significante, e não no real; está na continuidade dessa cadeia e não na substituição.” (LACAN, 1957-8/1999 p.78).

O que está posto é a relação do barco com a vela na cadeia significante e não no real. Na realidade, um barco pode ter mais de uma vela, ou nenhuma, mas no mecanismo da metonímia isto não está em questão. Quando a vela é evocada, sabemos que se trata do barco.

“Sua boca é um cadeado”, diz a letra de Chico Buarque. Não há, a princípio, relação entre silêncio ou ausência de fala e um cadeado. Nos parece que, no mecanismo da metáfora, há uma articulação no real. Esta nos parece ser a maneira mais clara de compreender a diferença entre o funcionamento da metonímia e da metáfora. O que permite a substituição de um significante pelo outro na metáfora não é sua proximidade na cadeia significante, mas alguma relação que pode se estabelecer no real.

Ao discutir um dos exemplos de chiste trabalhados por Freud em 1905, no qual uma nova palavra é criada, Lacan (1957-8/1999) nos fala algo importante sobre a metáfora. Ele faz referência a uma tirada espirituosa que merece nossa atenção, pois, além de ser muito interessante, foi discutida por diversos estudiosos das técnicas do chiste (além de Freud e Lacan, autores como Lipps e Heymans se serviram deste exemplo em suas discussões). O chiste é produzido pelo personagem de um poema de Heine, como nos explica Freud. O personagem, que é um agente de loteria, fala sobre o encontro com um barão muito rico, conhecido seu: “sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um seu igual – bastante *familionarmente*” (HEINE, citado por FREUD, 1905/1969 p. 29).

Freud discute, assim, qual seria a técnica de produção deste chiste e o que poderia estar velado pela produção de um termo novo. Segundo ele, há uma sobreposição das palavras familiarmente (*familiär*) e milionário (*milionär*) o que forma o termo familionariamente (*familionär*). É muito interessante observar como ele considera a sobreposição no nível da linguagem e sua interpretação é feita a partir disso. Ele explica que podemos, então, compreender que o pensamento que produziu o chiste corresponderia à seguinte formulação: “(...) tratou-me bastante *familiär*, isto é, tanto quanto é possível para um *Millionär*.” (FREUD, 1905/1968 p.32)

O que Freud mostra é que, por mais que tivesse a intenção de dizer que o barão havia lhe tratado intimamente, como a um familiar, ele se encontrou com outro sentido ao enunciar – há uma verdade que emerge na enunciação. Neste caso, se trata de um personagem literário, mas o que é narrado sobre ele não é diferente daquilo que acontece com o sujeito. No próprio discurso, o homem teve notícia de que ele acredita que a relação entre ele e o barão não poderia ser tão próxima em função da diferença econômica entre eles.

Em relação a essa tirada espirituosa, Lacan afirma que, no momento que o sujeito se surpreende, uma divisão é posta em evidência. Ele se refere, assim, a uma “profunda alienação em relação a nossos próprios motivos” (LACAN, 1957-8/1999 p.51). Há algo do sujeito que ele próprio não conhece e é isto que fala quando o chiste se produz. A verdade que pode emergir na enunciação se refere à divisão do sujeito, que o surpreende.

Outro ponto interessante que a discussão de Lacan nos traz é a afirmação de que, mesmo que se trate de uma produção literária, o que foi produzido fala de um sujeito. Se não podemos atribuir o chiste ao inconsciente do personagem, Lacan o atribui a quem o

criou, o autor. Ele explica que, mesmo que não se possa precisar quando foi formulada, a tirada espirituosa se refere às experiências pessoais do escritor, das quais Lacan teve conhecimento.

Lacan designa o chiste do familionário como um exemplo bem-sucedido de metáfora. Ele se refere a uma relação entre aquilo que está “gravado no inconsciente” (LACAN, 1957-8/1999) e a cadeia significante. Segundo ele, se nos dispuséssemos a investigar as combinações significantes no inconsciente, poderíamos chegar à origem da língua. Lacan chama atenção, assim, para a importância que a metáfora tem na linguagem, na medida em que ela introduz algo novo na cadeia significante. Ele afirma: “Com efeito, temos que considerar todas as significações humanas como tendo sido, em algum momento, metaforicamente geradas por conjunções significantes.” (LACAN, 1957-8/1999 p.58). Há, portanto, uma articulação entre o mecanismo da metáfora, que possibilita a criação de novos significantes e o próprio desenvolvimento da língua.

A dimensão de criação que é atribuída à metáfora é muito importante, principalmente porque ela não se refere apenas aos jogos de linguagem, mas a algo que pode se produzir na cadeia significante. A metáfora pode introduzir algo novo no funcionamento inconsciente. Isto é algo que Lacan descreve e que nos parece ao mesmo tempo impressionante e fundamental. No próximo capítulo examinaremos aquilo que Lacan designa de metáfora paterna, desenvolvimento para o qual a compreensão do que tratamos aqui é essencial.

Há ainda outro desenvolvimento muito importante que podemos acompanhar no escrito sobre a instância da letra no inconsciente. Lacan indica uma analogia entre mecanismos de funcionamento do sonho descritos por Freud em 1901 e aqueles da linguagem que ele considera para compreender o funcionamento do inconsciente.

No artigo sobre os sonhos, Freud (1901/1969) descreve o mecanismo de condensação como uma abreviação do conteúdo do sonho. Ele pode acontecer pela omissão de determinados elementos, pelo aparecimento de apenas fragmentos de um elemento ou pela combinação de diversos elementos latentes num só, que se mostra no sonho. Lacan considera tal mecanismo como análogo ao da metáfora, na medida em que há nela o que ele chama de “sobreposição dos significantes” (LACAN 1957/2011 p. 242). Freud, ao apresentar a interpretação do sonho da injeção de Irma, por exemplo, nos mostra como uma pessoa, ou elemento, pode aparecer no lugar de outro, ou pode ser representante de vários elementos num sonho (FREUD 1901/1969).

O mecanismo de deslocamento, por sua vez, é descrito por Freud (1901/1969) como a substituição de um elemento oculto por outro ou pela mudança da ênfase de um elemento importante para outros menos cruciais. De acordo com Lacan, o deslocamento seria análogo à metonímia por exercer uma “virada de significação” (LACAN, 1957/2011 p.242).

Lacan afirma que a única diferença entre os mecanismos descritos por Freud e os que ele propõe como análogos é que os primeiros atuam no trabalho do sonho, em imagens, e os outros na linguagem. Portanto, Lacan afirma que o “trabalho do sonho obedece às leis do significante” (LACAN, 1957/2011 p.243).

Como já observamos, essas leis do significante estruturam não apenas a formação do sonho, mas o próprio inconsciente. No início de seu quinto seminário, Lacan nos mostra que o mesmo acontece na produção da tirada espírita. Ao retornarmos ao artigo de Freud sobre o chiste, podemos perceber a sua tentativa de compreender em que medida a relação entre as palavras e seus fragmentos é importante

para que a piada se produza. Ele considera que os mesmos processos de condensação e deslocamento do sonho atuam, também, na produção do chiste (FREUD, 1905/1969).

No início do seu trabalho sobre o significante Nome-do-Pai, Lacan (1957-8/1999) retorna à formação da tirada espirituosa. Nesse momento, ele trabalha o mecanismo da mensagem entre o sujeito e o outro. Ele explica que, no chiste, aquilo que o sujeito deseja dizer pode ser compreendido pelo outro, mesmo que ele não possa enunciar a mensagem tal como gostaria. Essa possibilidade é realmente algo especial, uma vez que, como abordaremos a seguir, a fala tem como característica não corresponder à intencionalidade.

Segundo Freud (1905/1969), alguns chistes acontecem em situações nas quais aquilo que se deseja dizer não é moralmente apropriado. Assim, ele acredita que a possibilidade de ser compreendido sem precisar falar exatamente o que se pensa seria uma maneira de contornar a censura, que geraria prazer. Segundo Lacan, é no tropeço do significante que a satisfação acontece. A tirada espirituosa é, de acordo com Lacan, uma possibilidade de contornar aquilo que ele chama de “fracasso da comunicação” (LACAN, 1957-8/1999 p.156).

1.4 O Fracasso da Comunicação

Na segunda parte do seminário sobre as formações do inconsciente, Lacan (1957-8/1999) explica de que se trata este fracasso. Segundo ele, o desejo sofre um desvio ao encontrar o significante. Isso implica que, se houver uma intenção de comunicação, isso não será realizado, pois a mensagem que o outro recebe nunca é a que o sujeito pretendia emitir.

A fala não obedece, portanto, a uma intencionalidade. Talvez esta seja a questão mais importante no que se refere ao fracasso da comunicação. Quando o sujeito tem a intenção de dizer alguma coisa, ele acaba se encontrando com algo diferente ao enunciar. Segundo Lacan, num discurso intencional, o sujeito se depara com algo que vai além do que ele queria dizer. Algo aparece. Algumas vezes, é possível que o sujeito tome lugar nisto que fala dele, fala nele. Outras vezes, isso com o que ele se encontra é considerado um acidente, algo que não tem sentido, ou até algo escandaloso, como explica Lacan (1957-8/1999).

Ao falar, o sujeito emite sua mensagem ao Outro. No entanto, o que ele desejava dizer não é igual ao que pronuncia. De acordo com Lacan, o que acontece é que, ao ser transformado em fala, o desejo sofre uma mudança. O encontro com o significante tem como consequência uma transformação daquilo que era, inicialmente, o desejo (LACAN, 1957-8/1999). É importante destacar que, quando o desejo passa pelo significante, há uma mudança na dialética do próprio desejo que é fundamental. Assim, uma vez que, ao encontrar o Outro, o desejo se constitui, por assim dizer, em desvio, ele não pode nunca se realizar ao mesmo tempo e da mesma maneira no sujeito e no Outro.

De acordo com Lacan (1957-8/1999), a satisfação na comunicação seria possível, justamente, se a manifestação da mensagem chegasse ao Outro. Para que pudesse haver satisfação na comunicação seria necessário que acontecesse o que ele chama de “momento primordial”. Este momento representa a simultaneidade da realização de alguma coisa no sujeito e no Outro. Seria preciso que o desejo em si pudesse ser expresso pelo sujeito como mensagem para que o Outro pudesse ter acesso a isso. No entanto, Lacan é decisivo ao afirmar que isso não acontece. Ele explica que somos traídos pelo desejo, pois, ao se encontrar com o significante, ele se torna outra coisa (LACAN, 1957-8/1999). O eu é traído pelo desejo. Isso acontece porque, na fala,

o que se articula é algo do inconsciente. Portanto, na medida em que a intenção se refere ao eu, ela não pode garantir o que se produz na fala.

Em *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*, Lacan (1953/1996) trabalha a importância da fala na clínica. Ele designa a fala do paciente como o único meio pelo qual a psicanálise pode operar. Ele nos mostra, no entanto, que há algo que caracteriza a fala do analisante que é fundamental. Lacan distingue, portanto, fala vazia e fala plena.

Aquilo que Lacan chama de fala vazia nos remete a uma fala sem implicação. O sujeito não toma lugar naquilo que diz, é uma fala “em vão” (LACAN, 1953/1996 p.118). Lacan discute, assim, a resposta que se pode dar a este tipo de fala. Por mais que seja em vão, a fala vazia também demanda uma reação do analista, “toda fala chama resposta” assegura Lacan (1953/1996 p.112).

A resposta, entretanto, nem sempre vem em palavras, Lacan nos mostra como o silêncio é também um retorno. Há algo de muito interessante para o nosso trabalho nesta discussão que não é, no entanto, discutir a resposta que o analista pode dar a este tipo de fala. O que é fundamental para nós aqui é perceber que, mesmo que seja vazia, a fala carrega um apelo e, ainda mais importante, traz consigo uma verdade. Lacan (1953/1996) explica que mesmo quando a intenção do sujeito ao falar não é revelar o seu desejo, quando a fala se produz, há algo da verdade que aparece. Estes troços, certamente, evidenciam alguma coisa. Evidenciam que há ali um sujeito que fala, mas que não controla esta fala. Há algo no sujeito que fala dele.

Isso está presente também na fala plena. Lacan nos lembra que a ideia de “cura pela fala” surge a partir do momento que se deu oportunidade às histéricas de falarem de seus sintomas. Verbalizar, permitir que aquilo que lhe ocorre no momento da sessão

encontre o significante. É isso, de acordo com Lacan, que inaugurou o que ele chama de “verdade na fala” e nos surpreendemos, pois nos encontramos com uma “realidade do que não é nem verdadeiro, nem falso” (LACAN, 1953/1996 p.120).

É essencial perceber o lugar que Lacan designa à fala. Neste momento, ele não se refere ainda a uma relação entre a fala plena e o dizer, no entanto, podemos perceber semelhanças. Ele se refere a uma liberdade que há nessa fala, mesmo que exista sempre um limite naquilo que se pode expressar. A fala plena não quer enganar, como a fala vazia, mas deixar falar. Há algo que vai por si, que aproveita deste pouco de liberdade. O sujeito se permite falar.

Há algo ainda que nos remete à dimensão do ato. Na fala plena não há intenção, mas encontro, assim como no ato. O sujeito não sabe antes o que dirá. Ele fala e se encontra com isso. O ato falho é uma fala que é também ato, por isto mesmo é falho. É assim denominado, pois se refere ao aparecimento de algo que não estava previsto. No entanto, devemos ressaltar que, mais adiante no mesmo escrito de 1953, Lacan afirma que “todo ato falho é um discurso bem-sucedido” (LACAN, 1953/1996 p.133). Bem-sucedido na medida em que, exatamente onde há a suposta falha, pode emergir a verdade.

A ausência de intencionalidade pode ser, justamente, aquilo que torna a tirada espirituosa uma possibilidade de realizar isso que não se realiza na comunicação. Freud considera que o encontro com isso que surpreende é característico dos sonhos, sintomas, lapsos e chiste. Não sem razão, estas são denominadas por Lacan de formações do inconsciente. Isso que há de mais marcante nessas formações, a surpresa, o encontro com algo que irrompe sem que o sujeito possa saber antes, é o que caracteriza o inconsciente freudiano (LACAN, 1964/2008).

Em seu trabalho sobre o chiste, Freud (1905/1969) descreve casos nos quais não havia a intenção de fazer graça ou expressar algo determinado antes. Segundo ele, antes que o chiste se produzisse, o sujeito se encontraria com algo estranho, surpreendente, e isso se expressaria de maneira tal que produziria uma tirada espirituosa. O chiste aconteceria, assim, sem intenção. Ele seria a consequência de um encontro do sujeito com alguma coisa.

1.5 A Satisfação na Tirada Espirituosa

Com o objetivo de explicar a relação entre o significante e algo do prazer ou da satisfação, Lacan (1957-8/1999) se refere à situação que ocorre na infância, quando se realizam os primeiros momentos desse encontro. Ele explica que, desde o princípio, o significante existe para que se possa expressar uma demanda. A partir deste ponto, Lacan desenvolve um trabalho sobre como a demanda se constitui e como ela (não) pode ser satisfeita. Este desenvolvimento é importante, pois, é através dele que podemos nos aproximar daquilo que Lacan explica sobre a satisfação na tirada espirituosa. Propomos, portanto, acompanhá-lo neste ponto.

Lacan apresenta um esquema mítico, no qual podemos acompanhar como seria a satisfação da demanda, se ela fosse possível (imagem I). Ele toma como ponto de partida, portanto, aquilo que seria a necessidade de uma criança (muito jovem e com pouca experiência no uso dos significantes). O que Lacan explica é que haveria uma simultaneidade entre a intenção de expressar uma necessidade e a trajetória do significante. Em um primeiro tempo, no mesmo momento em que a intenção encontra o Outro (A), o significante chega à mensagem. O segundo tempo é representado por, de um lado, a chegada daquilo que era inicialmente a intenção de expressar uma

necessidade à mensagem e, de outro, a chegada do significante ao Outro. Lacan explica que, segundo este esquema, o outro seria instituído no mesmo momento em que a mensagem se constitui. (LACAN 1957-8/1999).

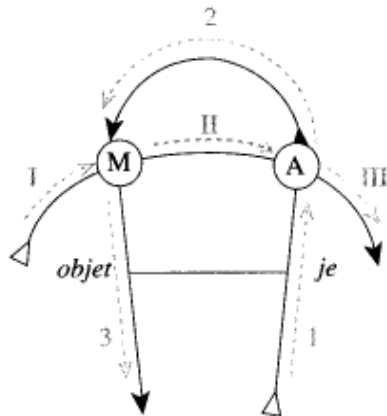


Imagem 1

Haveria ainda um terceiro tempo. Neste ponto, Lacan supõe que os resultados destas trajetórias simultâneas seriam: a constituição da demanda e a expressão do desejo. A demanda seria, assim, produto daquilo que teve início com a intenção de expressar uma necessidade. Já a expressão do desejo seria consequência de um caminho do significante, depois de passar pela mensagem e chegar ao Outro. Este esquema corresponde ao momento ideal primordial no qual a satisfação poderia acontecer na comunicação (LACAN, 1957-8/1999).

É de grande importância perceber o que é dito neste ponto sobre a necessidade. De acordo com Lacan, na medida em que ela é expressa em palavras, ela se torna algo

diferente. O encontro com o significante transforma o que era uma necessidade, e o que se pode expressar é uma demanda (LACAN, 1957-8/1999).

Segundo o esquema, a satisfação aconteceria quando houvesse uma simultaneidade entre o surgimento da mensagem e sua realização no Outro. Isto, no entanto, não acontece e é por isso que Lacan afirma que o esquema é mítico.

Lacan (1957-8/1999) se refere ao trabalho de Mannoni, que afirma que é característica do funcionamento normal da demanda gerar sempre novas demandas. Ele afirma que há uma entrega na demanda. Ao dirigir-lhe uma demanda, o sujeito entrega-se ao Outro, assim como entrega todas as suas necessidades. Lacan explica que há uma exigência de oposição que é própria da demanda. Para que continue existindo como demanda, é preciso que ela não seja completamente satisfeita. E isso acontece, segundo Lacan (1957-8/1999), porque a demanda é dirigida ao Outro.

De acordo com Lacan, mesmo que o outro tenha a intenção de satisfazer a demanda, há um desencontro entre o que o sujeito pede e o que ele recebe. Isso acontece porque quando busca responder à demanda, o outro tem a intenção de fazer algo por um bem geral, para além do sujeito. A resposta da demanda não é direcionada ao sujeito, mas ao Outro. Lacan (1957-8/1999) menciona, assim, situações nas quais, aparentemente, se dá a alguém aquilo que pediu, mas o sujeito não se sente satisfeito. Como no caso de uma pessoa na rua que pede dinheiro, por exemplo, e recebe comida de alguém que passa. O sujeito tinha como demanda o dinheiro, ou algo mais específico que planejava fazer com ele. O outro, que decide ajudá-lo, julgou que aquilo de que se precisa quando se está na rua é alimento, então lhe deu comida. Há, assim, um desencontro entre aquilo que é demandado e o que é possível receber, mesmo quando há intenção de satisfazer a demanda. Há um aspecto essencial sobre a demanda que impõe

a formulação de um novo esquema (imagem II): a demanda é formulada a partir do Outro.

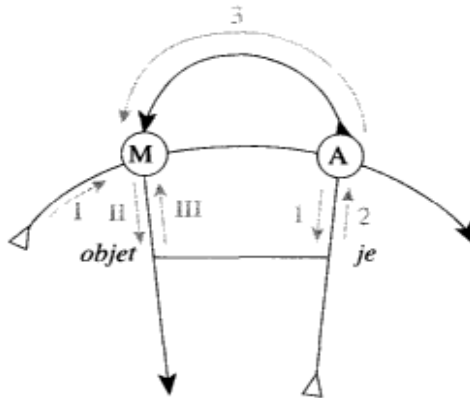


Imagem 2

O sujeito, ao formular sua demanda, não o faz sem considerar aquilo que o Outro deseja. É precisamente por isso que o primeiro esquema se mostra muito simples para representar a constituição da demanda. É necessário considerar que sua formulação tem início no Outro, uma vez que ela se constitui a partir do desejo e dos significantes dele. No segundo esquema (imagem II), podemos observar que a seta 1 parte do Outro (A) e apenas no segundo momento (2), o eu (*je*) dirige a demanda a ele. No terceiro momento, ela passa pelo Outro, sede do significante, e pode-se produzir a mensagem (LACAN, 1957-8/1999). Neste momento, no entanto, o discurso circula entre dois pontos de chegada e isso tem como consequência que exista uma ambiguidade, de acordo com Lacan.

O que este esquema mostra é que não é possível garantir que exista um significado único no que se diz. O que acontece, na verdade, é o contrário: há uma

ambiguidade na mensagem. Esta ambiguidade, que abre uma possibilidade para o equívoco é, de acordo com Lacan (1957-8/1999), essencial. Ele explica que é precisamente nesta ambiguidade da mensagem que pode acontecer a tirada espirituosa.

Lacan (1957-8/1999) discorda da ideia de Freud de que o prazer do chiste estaria restrito à brincadeira em si. Ele explica que apesar de chegar a esta conclusão, o próprio Freud teria descrito dois lados do chiste. Em um primeiro lado, estaria a brincadeira, o exercício do significante que, por ser anterior ao significado, permitiria o jogo de palavras. Uma palavra corresponde a mais de um sentido, é neste jogo que muitos chistes são produzidos. O outro lado seria o do inconsciente. Neste ponto, Lacan (1957-8/1999) enfatiza que não podemos esquecer que a fala é produzida pelas leis do significante. Uma vez que o chiste é produto destas leis, não podemos ignorar que é uma possibilidade que se abre para que o sujeito se encontre com algo do inconsciente, de si.

Lacan esclarece que, na época em que Freud desenvolveu o trabalho do chiste, havia uma compreensão entre os autores sobre o *nonsense* que o teria influenciado. Naquele momento, o chiste teria sido descrito como algo que deve ser compreendido em dois momentos: o primeiro, caracterizado pelo impacto do *nonsense* e o segundo, no qual o prazer aconteceria pela compreensão de um sentido secreto. Neste caso, o sentido secreto estaria lá desde o início, mas estaria oculto. Segundo Lacan não é disso que se trata. Ele explica que o que acontece é que a suspensão de sentido abre uma passagem de sentido no momento em que o inesperado nos deixa surpresos, atordoados. Ficamos, por um instante, tomados pelo sem sentido e isso abriria a possibilidade para que outro sentido, do qual não nos demos conta ainda, chegue a nós. Isso pode acontecer através da tirada espirituosa. (LACAN, 1957-8/1999).

A diferença fundamental entre a primeira concepção e a que Lacan propõe é que na primeira haveria uma intencionalidade que não há na segunda. Não há antes um sentido escondido que se revela. Há o encontro com algo novo. Isso pode acontecer na tirada espirituosa porque existe nela a possibilidade da surpresa. Assim como as outras formações do inconsciente, a tirada espirituosa é caracterizada pelo equívoco, pela irrupção de alguma coisa na fala que ninguém esperava, nem mesmo o sujeito que a pronuncia. Lacan ressalta, assim, que Freud dá um lugar importante ao encontro com a surpresa. Segundo Lacan (1957-8/1999), é importante que a compreendamos como essencial.

Não podemos deixar de considerar que há sempre uma diferença entre aquilo que o sujeito deseja e o que ele pode expressar. Como já observamos, o desejo sofre uma refração ao passar pelo significante. Na fala, portanto, ele é transformado em algo diferente. Ao falar, o sujeito se encontra com alguma coisa. Segundo Lacan, é nesta passagem que a metáfora pode se produzir. Na medida em que a passagem pelo significante introduz algo de novo, um significado original pode surgir. Voltaremos a este ponto quando abordarmos a ideia de “passo de sentido”, a seguir.

Segundo Lacan (1957-8/1999), há uma ambiguidade característica do chiste que possibilita que retorne algo de uma satisfação anterior e, ao mesmo tempo, aconteça o encontro com algo novo. O efeito da ambiguidade se dá, de acordo com Lacan, pelo funcionamento próprio da cadeia significante. Há uma equivalência que se produz. Dois significantes são igualados em seu valor na cadeia. Isto tem como consequência a redução do sentido.

É importante ressaltar, no entanto, que a redução de sentido não se trata do *nonsense*. Lacan (1957-8/1999) não poupa esforços em mostrar sua insatisfação com o

termo. Este estaria, segundo ele, referido a uma lógica da razão. A lógica do inconsciente é outra, o que é paradoxal em um discurso do universal não o é na estrutura do inconsciente. O inconsciente não responde à lógica da ciência. Elementos que seriam paradoxais e excludentes para a ciência, podem coexistir no discurso inconsciente. Lacan sugere então a expressão "*pas-de-sens*", que no francês se refere tanto a “passo-de-sentido” como a “sentido nenhum”, como assinala o editor da tradução brasileira do seminário.

É disso mesmo que se trata. Ali, onde não há sentido, onde algo manca, o sentido pode dar um passo. É onde acontece esta redução de sentido, que a metáfora introduz um novo significado. O novo surge como surpresa, como ambiguidade, e passo a passo constrói a língua.

Lacan (1957-8/1999) explica que o que acontece na tirada espirituosa é uma brincadeira com as palavras que teriam o que ele chama de sentido pleno. Estas palavras são justamente aquelas que acreditamos que corresponderiam a um sentido universal. Este sentido, que seria unívoco, dá lugar ao pouco-de-sentido na medida em que não existe uma única possibilidade de significação, a mensagem é ambígua. Segundo Lacan, a mensagem fracassa e tem êxito, ao mesmo tempo, e esta é a fórmula de qualquer demanda.

Há algo de incompreensível, novo, com o qual o sujeito se encontra e que ele precisa que seja confirmado. Afirmamos que ele se encontra com isso justamente porque não se trata de algo que ele produz intencionalmente, mas de algo que se produz. O sujeito precisa, então, de um posicionamento em relação ao pouco-sentido que o surpreende. Lacan (1957-8/1999) explica que a tirada espirituosa só pode se completar se o Outro a autenticar. Não pode haver, portanto, tirada espirituosa sem o Outro. O

sujeito precisa que ele confirme que há um sentido para além. O prazer no chiste só é possível se esta confirmação acontecer.

O caráter essencial do Outro para o sujeito está, na verdade, em tudo que se refere à linguagem. Isso acontece, pois, o significante é, desde o princípio, do Outro. Desde que o sujeito se constitui como tal, isso só pode acontecer pelo uso do significante do Outro. Lacan designa o Outro como um “lugar simbólico” (LACAN, 1957-8/1999 p. 122). Esta é uma questão muito importante e teremos a oportunidade de nos aprofundarmos mais nela ao passarmos por aquilo que Lacan descreve sobre a constituição do sujeito, no próximo capítulo.

Capítulo 2 - Função Paterna e Complexo de Édipo

Este capítulo é dedicado à discussão daquilo que Freud e Lacan desenvolvem sobre a função paterna e o complexo de Édipo.

2.1 O complexo de Édipo

O chamado complexo de Édipo é um conceito central na obra de Freud. Ao longo de seu trabalho, ele encontra indícios de que o que acontece durante a infância deixa marcas que incidem durante toda a vida do sujeito.

Em 1905, Freud escreve *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/1972), onde expõe sua tese sobre a sexualidade infantil e suas consequências posteriores. O conteúdo apresentado nesse trabalho representava uma divergência em relação ao que se acreditava naquele momento: de acordo com Freud, a infância não seria uma fase da vida livre da sexualidade. A partir de sua experiência (tanto pelo relato de pacientes adultos sobre a própria infância quanto pela observação de crianças), Freud afirma que há, desde muito cedo na vida dos seres humanos, pulsão sexual. Neste ponto é importante ressaltar que o próprio Freud considera sua compreensão de sexualidade ampliada. De acordo com ele, ela não se restringe ao ato sexual, mas inclui outras atividades que envolvem excitação, prazer e diminuição da tensão (FREUD, 1905/1972).

Fica estabelecido que, na infância, a sexualidade é vivenciada por excitações das zonas erógenas que tem como consequência sensações prazerosas. Segundo Freud (1905/1972), a primeira sensação prazerosa aconteceria ao sugar o leite do seio da mãe. Dessa maneira, inicialmente a sexualidade estaria relacionada à satisfação de uma necessidade vital e, apenas posteriormente, se tornaria independente dela, quando a criança buscasse repetir a atividade com o objetivo de obter prazer. Outro aspecto

importante a ser considerado quanto a esta primeira atividade que proporciona prazer é a relação com a mãe, que é o primeiro objeto sexual da vida da criança (FREUD, 1905/1972).

Ao se deparar com a impossibilidade de estar com a mãe - ela não pode estar presente o tempo todo - a criança escolhe maneiras pelas quais possa se satisfazer sozinha, pelo autoerotismo. Freud (1905/1972) explica que as atividades autoeróticas infantis são fortemente reprimidas pelos adultos, que as consideram inadequadas. O que acontece, é que a criança é obrigada a recalcar as pulsões e entra, assim, em um período de latência da sexualidade. Ele afirma que, neste período, as excitações sexuais não são, de forma alguma, extintas, mas atuam sem que o sujeito tenha consciência (FREUD, 1905/1972).

A criança passa, assim, por este período em que aparentemente não há expressão da sexualidade. Entretanto, Freud (1905/1972) considera que, nesse momento, a relação dela com as pessoas que a cercam são perpassadas por fortes componentes emocionais e sexuais. Ele explica que os cuidados dos adultos, principalmente os pais e pessoas próximas, despertam excitações sexuais na criança.

Mesmo que não tenham intenção, ao fazer carinho, dar banho e ninar, os adultos contribuem para o desenvolvimento da sexualidade das crianças. De acordo com Freud, isso não é, de maneira alguma, algo que deva ser censurado, pois tal relação é fundamental para a constituição do sujeito. De acordo com Lacan (1957-8/1999), o sujeito só se constitui a partir do significante que é do Outro, como foi abordado no primeiro capítulo. A relação do sujeito com os pais é fundamental, pois é a partir daquilo que os pais designam que ele poderá se constituir como tal. Uma vez que os pais – assim como aqueles que são mais próximos - proporcionam excitação e prazer ao

cuidar da criança, eles constituem seus primeiros objetos. Essa fase da vida é fortemente caracterizada pelo afeto que a criança tem pelos pais.

A partir do estudo destas relações, Freud percebe a importância daquilo que, mais tarde, ele chama de complexo de Édipo. A tragédia grega “Édipo Rei” foi escrita por Sófocles por volta no século V a.C.. No mito, o rei Laio escuta a previsão de um Oráculo que garante que o destino de seu filho seria matar o pai e casar-se com a mãe. Com a intenção de evitar a tragédia, Laio ordena que, ao nascer, a criança seja morta. O bebê, Édipo, é então abandonado à morte. No entanto, ele é encontrado e criado por outra família. Em determinado momento de sua vida, ele tem notícia da mesma profecia que aterrorizou seu verdadeiro pai. Sem conhecer sua origem, Édipo deixa a família que o criou para evitar que a tragédia se concretizasse. Ao tentar fugir de seu destino, Édipo encontra-se com ele. Édipo depara-se com Laio em sua fuga e o mata, sem saber que é seu pai. Seguindo um costume daquela sociedade, Édipo se dirige ao reino daquele que matou para ocupar seu lugar, de rei, e casar-se com sua mulher. Sem saber sobre sua relação com ela, Édipo casa-se com sua mãe. O mito não se encerra neste ponto, pois após descobrir a verdade, que havia matado o pai e casado com a própria mãe, Édipo sofre as consequências de seus atos, arrancando os próprios olhos e sendo exilado (SOFOCLES, 427 a.C./2011).

Freud procura explicar os desejos sexuais infantis a partir de uma analogia com este mito. De acordo com ele, todas as crianças seriam como pequenos Édipos que, na realidade, desejariam casar-se com a mãe e afastar o pai para que ele não pudesse interferir nessa união. Em sua quarta lição psicanalítica, Freud (1910/1970) afirma que, inicialmente, a criança tem como objeto todas as pessoas que cuidam dela e, em um momento posterior, os pais constituem os objetos. Ele afirma: “A criança toma ambos

os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos” (FREUD, 1910/1970 p. 43).

Em *Totem e Tabu*, Freud apresenta um estudo sobre civilizações primitivas com a intenção de que a psicanálise pudesse contribuir para a compreensão do social. O que ele percebe, de início, é que em estudos sobre diversos desses grupos há a descrição do horror ao incesto. Ele explica que, diferente do que se poderia imaginar, havia uma grande organização dentro das tribos que proibia relações incestuosas. Estes grupos primitivos se orientavam pela relação com o totem (um animal, vegetal ou fenômeno da natureza), que era considerado um ancestral comum aos integrantes de um clã. A relação com o Totem era de respeito e veneração e se articulava a uma série de leis que organizavam o grupo. Havia, na maioria das tribos, uma regra que proibia que pessoas do mesmo clã tivessem relações sexuais. Freud procura compreender, então, qual é a relação entre a exigência da exogamia e a prática do totemismo e qual seria a sua origem (FREUD, 1913/1974).

Aquilo que Freud articula como hipótese é que, na realidade, o que existe não é uma aversão inerente ao sujeito em relação ao incesto, mas sim um impulso natural a ele. Há um trecho que se sobressai no trabalho de Frazer (antropólogo que estudava tribos aborígenes) que Freud toma como referência:

“A lei apenas proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam; o que a própria natureza proíbe e pune, seria supérfluo para a lei proibir e punir. Por conseguinte, podemos sempre com segurança pressupor que os crimes proibidos pela lei são crimes que muitos homens têm uma propensão natural a cometer. Se não existisse tal propensão, não haveria tais crimes e se esses crimes não fossem cometidos, que necessidade haveria de proibi-los?” (FRAZER, 1910, apud FREUD 1913/1974)

Freud considera, portanto, a hipótese de Darwin sobre a disposição de símios em grupos. Darwin supõe que os símios se organizariam em pequenos grupos que seriam

regidos por um macho agressivo. Este se asseguraria o direito de dominar todas as mulheres da tribo. Para garantir que as mulheres fossem exclusivamente suas, ele expulsaria todos os machos mais jovens à medida que se aproximassem da maturidade (DARWIN, 1875 apud FREUD 1913/1974).

A partir desta teoria, Freud (1913/1974) apresenta a sua própria hipótese em relação às origens da exogamia e do totemismo, que seriam articuladas. Segundo ele, uma organização semelhante teria acontecido com os homens primitivos. No entanto, no caso destes, haveria um retorno dos homens que foram expulsos da tribo pelo pai, segundo Freud. Estes irmãos teriam se unido contra o patriarca e retornado à tribo para matá-lo (FREUD, 1913/1974).

Segundo Freud (1913/1974), cada um dos irmãos não apenas tinha ódio do patriarca, mas também inveja da sua posição, desejando ocupar o lugar daquele que podia desfrutar de todas as mulheres. Assim, uma vez que a prática do canibalismo era característica da cultura da tribo, eles teriam se alimentado da carne do pai. A realização desse ritual representava, para cada um dos filhos, o desejo de herdar aquilo que invejavam em relação ao pai (FREUD, 1913/1974).

Freud supõe, então, que após uma grande celebração por terem conseguido juntos se livrar do pai, os irmãos são dominados individualmente por um sentimento de remorso. Cada um dos filhos estava culpado, pois seu sentimento em relação ao pai era ambivalente, segundo Freud. Além de odiarem o pai agressivo, os filhos também o amavam e o admiravam. O sentimento de culpa teve como consequência que nenhum dos filhos pudesse ocupar o lugar do patriarca. Além disso, duas proibições foram determinadas: o incesto e o parricídio - que posteriormente se estende à proibição do homicídio. Nas palavras de Freud, “o pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo”

(FREUD, 1913/1974, p.171). A partir da morte do pai, a interdição do incesto é internalizada por cada um dos integrantes da tribo e passa a operar como lei.

Freud (1913/1974) afirma que o totemismo se origina pela substituição do pai pelo totem. O totem deve proteger os integrantes do clã e estes devem respeitá-lo, assim como na relação com o pai. A religião surgiria posteriormente, quando a representação do pai teria retomado a forma humana e um deus passa a representá-lo. Isso aconteceria, pois, com o decorrer do tempo, os sentimentos hostis dos filhos em relação ao pai ficariam mais fracos e, em contrapartida a saudade por ele seria maior.

Além disso, Freud (1913/1974) explica que, se após a morte do pai houve uma proposta democrática de que todos os integrantes de um clã fossem considerados iguais, com o passar do tempo ela se torna insustentável. Ele afirma que isso acontece em consequência de mudanças culturais, no entanto não entra nesta discussão de maneira mais aprofundada. De acordo com Freud, a mudança em relação à atitude com o pai não tem efeitos apenas na religião, mas também na organização social. Ele explica que a sociedade patriarcal se desenvolve a partir do início da veneração das “divindades paternas”. A família representa, assim, um restabelecimento da antiga organização primitiva, na qual o pai tem novamente poder e direitos (FREUD, 1913/1974).

Passar por este trabalho é essencial para a compreensão da função paterna na teoria de Freud. Com este estudo, fica estabelecido que é provável que as pulsões que estão envolvidas no complexo de Édipo tenham sempre estado presentes na constituição do sujeito. Além disso, Freud demonstra que, uma vez que o sentimento de ambivalência existe em cada um dos irmãos no mito da horda primitiva, a lei do pai é respeitada por todos e opera após sua morte. A lei passa a proibir tanto o homicídio quanto as relações incestuosas e aquilo que garantiria sua operação seria, de acordo com

Freud (1913/1974) o sentimento de culpa dos filhos. Segundo ele, tais proibições seriam fundamentais para a possibilidade de uma organização social, na medida em que limitam impulsos que seriam próprios do ser humano.

Na lição de 26 de março de 1958, Lacan chama atenção para a importância do que Freud introduz com este trabalho. De acordo com Lacan, há uma analogia entre a necessidade do assassinato do pai para que seja instaurada a proibição do incesto no grupo e a relação que há entre a morte e o surgimento do significante. Esta é sua leitura de *Totem e Tabu*. A lei só vale na medida em que o pai está morto. A morte, seja ela real, como no mito, ou simbólica, é essencial para que a lei significante opere.

Lacan explica que aquilo que Freud observa em seus pacientes e que denomina de complexo de Édipo não pode ser compreendido sem que passemos pelo assassinato do pai. É necessário que aconteça essa morte para que o homem passe da condição animal para um ser falante. Para Lacan há algo que faz com que não se esqueça dessa morte e que isso é um “vínculo significante” (LACAN, 1959/1999 p.322). Lacan articula o registro da morte do pai à possibilidade de uma inscrição simbólica e à própria existência do simbólico como tal – o que diferencia o ser falante dos animais.

Em *O Ego e o Id*, Freud (1923/1976) descreve uma nova divisão do aparelho psíquico. Este trabalho nos interessa, pois descreve como a identificação com as figuras parentais opera na constituição do sujeito. Freud designa a identificação com os pais como a primeira e mais importante. Inicialmente ele havia afirmado que seria com o pai. No entanto, posteriormente, ele adicionou uma nota de rodapé dizendo que poderia ser mais coerente afirmar que a identificação acontece com os pais, uma vez que a diferença entre os sexos é algo que a criança só percebe ou compreende posteriormente em seu desenvolvimento.

Segundo Freud (1923/1976) a criança faz um investimento na mãe, como objeto, e se identifica com o pai. Inicialmente essas situações podem coexistir. Entretanto, ele explica que há um momento em que as tensões sexuais do menino ficam mais fortes e o pai passa a ser considerado um impedimento à realização de seu desejo. Assim como acontece no mito da horda, o sentimento em relação ao pai torna-se ambivalente. Se por um lado há identificação, por outro, existe uma vontade de que ele não esteja presente para que o menino possa estar com a mãe. (FREUD, 1923/1976).

Um dos pontos mais importantes deste trabalho é a formação do supereu a partir de algo que se modifica na saída do Édipo. De acordo com Freud, seria uma parte do próprio eu que, ao final da situação edípica, tendo internalizado a interdição, constituiria o supereu. As duas identificações (com o pai e com a mãe) se articulam determinando como o sujeito deve ser, e constituindo o que será o “ideal do eu”. O supereu¹ se forma, portanto, a partir do complexo de Édipo, pois tem como objetivo reprimir as pulsões que caracterizam o impasse edípico. Assim, isso determina como o sujeito deve ser e também aquilo que ele não deve ser. O sujeito deve ser como o pai, por identificação, mas ao mesmo tempo não pode ser igual a ele. Há uma barreira que impede que o sujeito seja exatamente como o pai, uma vez que para ele relação sexual com a mãe é interdita (FREUD, 1923/1976).

Freud (1923/1976) chama atenção para a importância da constituição do supereu, também chamado de ideal do eu no artigo referido, não apenas para o sujeito, mas para a humanidade. A existência do supereu garante que a influência dos pais seja internalizada pelo sujeito, tendo efeitos durante toda sua vida. De acordo com ele, é importante perceber que é a partir de algo do sujeito que poderia ser considerado aquilo que há de pior, desejo de unir-se à mãe e eliminar o pai, que é possível que o supereu se

1-Embora os conceitos não sejam diferenciados nesse artigo, é importante considerar que em outros trabalhos de Freud supereu e ideal do eu constituem conceitos distintos, como no artigo sobre o narcisismo.

constitua.

De acordo com Freud, é pelo recalçamento dos desejos do complexo de Édipo que pode se instituir algo essencial para a moral e para vida em sociedade: uma parte do próprio psiquismo que é capaz de controlar o indivíduo. A partir da constituição do supereu, passa a haver uma exigência em relação a um ideal que deve ser buscado. Freud acredita que o supereu impede que os desejos que seriam inadequados para uma vida em sociedade cheguem à consciência (FREUD, 193/1976).

Nesse trabalho, podemos notar que Freud considera que há uma determinação daquilo que os pais esperam do sujeito na constituição dele. É importante observar que há uma relação entre esta determinação e aquilo que Lacan (1964/2008) articula sobre a constituição do sujeito a partir do significante que é do Outro – abordada no primeiro capítulo deste trabalho.

De acordo com Freud (1923/1976), a função que é exercida, inicialmente, pelo pai passa para outras pessoas ao longo da vida, que exercem também uma repressão a favor de uma moral. Ao internalizar esta repressão, o sujeito pode fazer um julgamento de si. Segundo Freud, o sujeito compara o seu ideal do eu, como ele deveria ser, com o que ele acredita que é. A diferença percebida pelo sujeito a partir desta comparação tem como consequência um sentimento de culpa (FREUD, 1923/1976). É interessante ressaltar que o que Freud explicou nesses termos, Lacan designou como determinação significante: aquilo que determina o que pode emergir como sujeito.

Neste ponto, é importante ressaltar que, de acordo com Lacan, a função do Ideal do Eu não se confunde com a do supereu. “Ambas surgiram quase juntas, mas por isso mesmo se distinguiram.”, afirma Lacan (1957-8/1999 p.302). Lacan articula a função do Ideal do Eu à assunção de um tipo sexual pelo sujeito. Ela se articula, assim, à

possibilidade do sujeito se constituir como homem ou como mulher e comporta a determinação das funções que se referem a cada um dos tipos sexuais.

O significante do falo, objeto metonímico do pai, está sempre implicado na identificação sexual do sujeito. Isso acontece na medida em que o sujeito pode constituir-se como aquele que possui o falo, diga-se a potência fálica, que corresponde à posição masculina, ou como aquele que deseja quem possui o falo - posição feminina.

Em *A Dissolução do Complexo de Édipo*, Freud (1924/1976) expõe aquilo que compreende como desfecho da situação edípica e do complexo de castração. Freud se refere, então, às situações nas quais a manipulação do genital pela criança tem como consequência uma reação de repressão dos adultos. Segundo ele, é comum que a censura seja feita por uma mulher. Isso acontece, no entanto, com respaldo de uma figura masculina. A ameaça é enunciada pela mãe, no entanto, ela confere ao pai a responsabilidade de retirar do menino o órgão, como punição do mau comportamento.

Freud considera que, apesar da ameaça de castração, em um primeiro momento, o menino não acredita que isso seria realmente possível. Seria apenas a partir do momento em que ele vê o corpo de uma mulher que ele acreditaria de fato na possibilidade de perder o seu órgão (FREUD, 1924/1976).

Freud descreve, assim, duas posturas distintas que podem ser adotadas em relação à satisfação: há uma na qual o sujeito é ativo, ele se identifica com o pai e a mãe é seu objeto de desejo. Nesse caso, ele se identifica com o pai, mas também o odeia, pois acredita que a presença dele impede a realização do seu desejo; há outra na qual o sujeito é passivo, deseja ser objeto de amor do pai e se identifica com a mãe (FREUD, 1924/1976).

De acordo com Freud (1924/1976), o encontro com a ameaça de castração, leva o sujeito a associar cada um desses posicionamentos à perda do pênis. Se optasse pela satisfação ativa, seria castrado por tentar ocupar o lugar do pai. Caso escolhesse ser como a mãe, teria que perder o pênis para ocupar seu lugar na relação com o pai. Freud descreve, portanto, uma oposição de interesses no sujeito neste momento: se, por um lado ele não quer abandonar seus investimentos libidinais, por outro, o seu narcisismo não aceita a perda do pênis. O narcisismo prevalece nesse impasse, o que tem como consequência a chamada dissolução do complexo de Édipo.

Este desenvolvimento se refere, em geral, ao caso dos meninos. De acordo com Freud (1924/1976), no caso das meninas, a questão também gira em torno do falo e da castração. Entretanto, não se pode desprezar que exista uma diferença física entre o genital masculino e o feminino e que isso tenha consequências. Freud descreve que, ao perceber esta diferença, a menina acredita que possuía um órgão como o masculino, mas que o perdeu. A menina precisa, portanto, aceitar a castração como algo que já aconteceu. Ela lamenta, pois é algo que já não tem. No caso do menino há o medo que a castração aconteça (FREUD, 1924/1976).

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud (1925/1976) apresenta um desenvolvimento importante a respeito da castração. Segundo ele, a diferença anatômica entre os sexos determina uma distinção na função do complexo de castração em cada sexo. Freud (1925/1976) explica, portanto, que a mãe é o primeiro objeto sexual tanto para o menino quanto para a menina. No caso dos meninos, o complexo de Édipo é anterior ao complexo de castração. O que acontece com o menino, de acordo com Freud, é que, diante do medo da castração, ele abandona os investimentos libidinosos que são proibidos. Os objetos de investimento são, então, incorporados ao eu. O complexo de Édipo declina e as expectativas e identificações com

os objetos (tanto de amor, a mãe, quanto de ódio, o pai) constituirão, a partir de então, o supereu (FREUD, 1925/1976 p. 319).

No caso das meninas, o complexo de castração é anterior e possibilita a entrada no complexo de Édipo. Freud descreve a entrada da menina no complexo de Édipo a partir da comparação do seu corpo com o masculino. Ao ver o órgão masculino, a menina acredita que foi castrada. Ela compreende o pênis como “correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível” (FREUD 1925/1976, p. 313). Segundo Freud (1925/1976), esta ideia faz com que a menina sinta inveja do órgão masculino. A menina só entra, então, no complexo de Édipo quando ela renuncia ao desejo de ter um pênis e o substitui pelo desejo de ter um filho. De acordo com Freud, ela passa a ter o pai como objeto, pois acredita que ele pode lhe dar um bebê.

Em *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud (1924/1976) explica que a menina aceita a perda, mas espera que, como recompensa, o pai lhe dê um filho. O complexo de Édipo declina, portanto, quando ela se dá conta de que isso não acontecerá. Como seu desejo não se realiza, ela abandona a idealização do pai (FREUD, 1924/1976).

É importante perceber que Freud descreve uma diferença fundamental em relação ao que o complexo de castração representa em cada sexo. No caso dos meninos, o complexo de castração representa a saída do Édipo. Já no caso das meninas, ele estabelece a possibilidade para a constituição do complexo de Édipo.

Tanto nesse trabalho quanto no que descreve o declínio do complexo de Édipo, pode parecer que Freud se refere ao medo de uma castração real. Há, no entanto, momentos em que ele se refere ao medo da perda do amor dos pais. Se submeter à

proibição do desejo seria uma tentativa de não perder este amor. Lacan, no quinto seminário, ressalta que a castração não é real. Ela se refere a uma operação simbólica.

É importante observar que há uma impossibilidade - um corte - que é representada pela castração e tem uma função importante para a própria constituição do desejo. É apenas depois de renunciar à demanda de unir-se à mãe que o sujeito poderá dirigir sua atenção para outros objetos. Isto é essencial, na medida em que é a impossibilidade de encontro com o objeto último aquilo que possibilita que o sujeito permaneça desejando.

Freud retorna à questão do complexo de Édipo em diferentes momentos de seu trabalho. Além de descrever os efeitos nos momentos em que se constitui e declina, ele considera desdobramentos posteriores do complexo de Édipo. Veremos que ele descreve o encontro com consequências da função paterna na vida adulta.

Em *Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico* (FREUD, 1916/1974), são descritos - como indica o título - perfis de caráter que Freud considera importante discutir a partir de sua experiência como analista. Em dois dos três tipos descritos, podemos observar mais claramente desdobramentos tardios do complexo de Édipo.

Um dos tipos, denominado por Freud (1916/1974) de “arruinados pelo êxito” se caracteriza por pessoas que ficam doentes, ou se sentem mal, quando algo que elas desejam muito que aconteça se torna possível ou se realiza. Ele explica que pela experiência clínica, pôde perceber que o que faz com que o sujeito adoça diante de um triunfo é um sentimento de culpa relacionado ao conflito edípico. Nesse trabalho de Freud, a explicação é apresentada de maneira pouco aprofundada. Entretanto, duas décadas depois, o conteúdo de uma carta de Freud ao seu amigo Romain Rolland

permite uma compreensão mais clara do que nos parece que ele quis dizer no trabalho de 1916.

Em *Um distúrbio de Memória na Acrópole* (1936/1976), Freud relata a Rolland sobre um sentimento que o surpreendeu em uma ocasião em que viajava com o irmão. Nesse texto, Freud descreve uma experiência pessoal. É muito interessante como ele narra o encontro com algo que o surpreende e a maneira que ele pode dar um lugar a isso. Um trabalho que se propõe a abordar a função paterna segundo a perspectiva psicanalítica não poderia deixar de passar por este texto.

Freud (1936/1976) explica que ele e o irmão viajavam juntos com frequência e, naquele ano, foram até o nordeste da Itália de onde planejavam fazer uma viagem para Corfu, uma ilha na Grécia. Ao chegarem à Itália, lhes foi dito que seria mais interessante se fossem para Atenas no lugar de irem à Corfu.

Apesar de considerarem diversas dificuldades para a ida à Atenas, quando chegou o momento de decidirem para onde iriam, não hesitaram em escolhê-la como destino. Freud conta que, quando chegou à Acrópole, um pensamento o admirou: ele estava surpreso, pois estava diante de seus olhos a prova de que aquela construção realmente existia. Ele explica que o fato de se surpreender foi em si uma surpresa para ele. Ele se pergunta, então, por que ele duvidaria da existência da Acrópole de Atenas. Freud associa este sentimento a outro, de depressão. Ele descreve ter se sentido deprimido a partir do momento em que a possibilidade de ir a Atenas lhe foi apresentada até o momento em que decidiu que este seria realmente seu destino (FREUD, 1936/1976).

Freud explica que o sentimento de incredulidade se deve à importância da ida a Atenas. A viagem era algo “bom demais para ser verdade” (FREUD, 1936/1976 p.296)

uma vez que ele havia estudado a história de Atenas quando era jovem e sonhava viajar para conhecer o mundo. Ele afirma que este sentimento é comum, pois pode ser vivenciado por alguém que recebe uma notícia boa, que tem uma conquista. Ele se pergunta por que teria a sensação de surpresa em relação a algo que deveria ser causa de prazer. Como o tipo descrito no trabalho de 1916, há, nesta situação, uma sensação ruim quando um desejo se realiza.

A explicação para a situação de Freud assim como os designados “arruinados pelo êxito” parece ser a mesma: de acordo com Freud, o sujeito não se permite ficar feliz. Isso acontece, pois, por consequência da rigidez do superego, a pessoa acredita que não merece tanta alegria. Ele faz referência à situação na qual Napoleão se tornou imperador. Napoleão se questiona o que seu pai diria se pudesse vê-lo naquele momento. Em relação à situação da Acrópole, ele explica que, associado ao prazer de conseguir algo que desejava tanto, havia um sentimento de culpa. Segundo ele, isto está associado ao julgamento da criança em relação ao pai (FREUD, 1936/1976). Ele explica que, se há um momento no qual o pai é desvalorizado - quando ele representa uma barreira à proximidade com a mãe - mais tarde ele passa a ser supervalorizado, na medida em que é aquele que tem o poder.

Assim, ao realizar algo que deseja muito, o sujeito considera que está fazendo algo que o pai não fez. O sentimento de culpa se deve, então, à crença de estar fazendo algo que não deveria, pois não se pode ser melhor do que o pai. Freud relata que seu pai havia sido um comerciante, para quem viajar não seria importante, portanto, ele não o fazia. Dessa forma, o que impedia ele e seu irmão (Freud afirma que, na situação da viagem, o irmão se sentiu de maneira semelhante a ele) de irem a Atenas era o que ele chama de “respeito filial” (FREUD, 1936/197 p. 303). Freud sentia-se mal por realizar o que seu pai não realizou.

Uma vez que tenhamos passado pelo relato da experiência de Freud e discutido em que medida ela tem alguma relação com o tipo de caráter dos que se sentem arruinados pelo êxito, podemos voltar ao texto de 1916. Ele se refere a outro tipo de caráter que é influenciado pela função paterna. Freud chama este grupo de “criminosos em função de um sentimento de culpa”. Trata-se de pessoas consideradas admiráveis e que, no entanto, haviam cometido delitos, geralmente quando eram mais jovens. Freud pôde perceber, com a experiência clínica, que estes comportamentos, tais como furto ou até atos criminosos maiores, eram cometidos justamente pelo fato de serem proibidos. O sujeito tinha um forte sentimento de culpa, antes de cometer o crime, e depois que o cometia sentia-se aliviado. A sensação de alívio se deve à possibilidade de relacionar o sentimento de culpa, que já existia, ao delito realizado. Freud se pergunta, então, qual seria a origem deste sentimento de culpa que leva uma pessoa a cometer um crime (FREUD 1916/1974).

Segundo Freud (1916/1974), mais uma vez de acordo com sua experiência como analista, em todos aqueles casos observados, o sentimento de culpa parecia ter origem na situação edípica. A culpa se refere aos desejos que estão implicados no complexo Édipo: eliminar o pai e unir-se à mãe.

O que acontece, de acordo com Freud (1916/1974), é que como uma maneira de encobrir a verdadeira origem do sentimento de culpa, o sujeito o articula a um ato criminoso. É essencial compreender a importância conferida à função paterna na obra de Freud. A partir do estudo do complexo de Édipo e de suas consequências, é possível perceber que esta função tem grande importância para a constituição do sujeito.

Freud mostra que, ao abandonar a figura de um dos pais como objeto de amor, o sujeito internaliza a interdição do incesto, assim como outras expectativas que os pais

têm em relação a ele. Como acontece no mito da horda primitiva, há uma lei instituída pelo pai que se faz exercer mesmo na sua ausência. Este ideal de eu, que é constituído pelo outro na infância, exerce influência sob o sujeito durante toda a vida e uma de suas consequências é o sentimento de culpa ao qual Freud se refere.

Na lição de 18 de novembro de 1959, Lacan (1959/2008), que naquele momento iniciava um trabalho sobre a questão da ética, articula algo importante sobre a função paterna. Ele explica que as consequências da falta introduzida pela morte do pai não se limitam à possibilidade de organização social a partir da repressão do desejo. Segundo ele, a falta é introduzida no registro significante. A morte simbólica impõe uma lei que define a relação com o significante e todo o funcionamento inconsciente.

Em “Moisés e o Monoteísmo”² (1939/1975), Freud se refere a uma analogia entre religiões monoteístas mais recentes e a função paterna no complexo de Édipo. Ele descreve, assim, o conceito de “grande homem”. Este ocupa uma posição de poder e influência, como teria sido Moisés no início da religião judaica (FREUD, 1939/1975). Segundo Freud, a existência de um representante que ocupe o lugar de autoridade é necessária. Alguém a quem se possa venerar, que tenha a função de guiar os outros para o bom comportamento e punir o mau.

Freud afirma que há uma analogia entre este “grande homem” e a figura paterna. Ele explica que o líder religioso, assim como o pai, é muito admirado, mas é também temido. Além disso, eles se propõem a proteger e guiar seus seguidores, assim como os filhos esperam do pai. Freud se refere ainda a uma analogia em relação à renúncia de

2-É interessante observar que Freud escreve o artigo referido já no final de sua vida. A questão da função paterna esteve presente, portanto, desde o início de sua obra, quando ele começa a articular aquilo que constitui o complexo de Édipo e suas ressonâncias, até o final.

uma satisfação. (1939/1975). É característica forte de diferentes religiões a exigência que seus seguidores renunciem a prazeres e busquem uma proximidade maior com a ética e a moral. Ao se submeter às exigências do pai, a criança aceita que seja decidido por ela o que é bom e o que não é e que ela não poderá satisfazer seu desejo nesse momento. Posteriormente, outras pessoas podem substituir este que decide o que deve ser feito e o que não deve. Estes serão, sempre, representantes da autoridade paterna (FREUD, 1939/1975).

Outra questão interessante da analogia que Freud (1939/1975) articula entre a religião e a função paterna é aquilo que ele explica sobre a circuncisão. Freud designa esta tradição como algo que representa simbolicamente a castração. Assim como a lei do pai primitivo, que interdita o incesto e o homicídio, a circuncisão seria uma maneira de representar a submissão dos aptos à religião.

2.2 Complexo de Édipo e função paterna na teoria lacaniana

A questão do complexo de Édipo tem um lugar fundamental na teoria de Lacan. Ao abordá-la, não podemos deixar de observar que alguns autores, posteriores a Freud, trabalharam com o intuito de constatar que poderia haver algo anterior ao complexo de Édipo que seria articulado à manifestação de algumas patologias. Lacan (1957-8/1999), no entanto, é categórico ao afirmar que não existe neurose sem Édipo. Ele não nos deixa esquecer que Freud afirma que tudo o que pode acontecer ao sujeito antes, se é que podemos nos referir a um antes, do complexo de Édipo ganha um novo sentido quando ele se instala.

Lacan (1957-8/1999) se refere, assim, ao trabalho de Melanie Klein, que se propôs a abordar o chamado “campo pré-edipiano”. O que Lacan articula neste ponto é

muito interessante. Ele explica que quanto mais Klein se esforça em mostrar a importância de algo que acontece antes do complexo de Édipo, mais é possível perceber o quão precocemente ele se constitui. Isto não é dito de maneira explícita no trabalho de Klein. No entanto, sabemos que há algo, que é fundamental para o campo da psicanálise, que se refere a um mais além naquilo que se diz. Apesar de não ter a intenção de afirmar o quanto é precoce a presença de algo que constitui o complexo de Édipo, é com isso que a autora se encontra e descreve.

O que Lacan defende é que realmente não há um momento anterior ao complexo de Édipo. Desde o momento em que nasce, a criança já está submetida ao funcionamento da pulsão e deseja o objeto de satisfação. Este objeto, como observamos, é o seio, parte do corpo da mãe. Mesmo que, posteriormente, a mãe ocupe o lugar de objeto de desejo de maneira mais clara, de modo que seja possível afirmar que a criança está completamente tomada por aquilo que constitui o complexo de Édipo de maneira mais consensual, há algo que está posto desde o início.

É essencial, neste ponto, nos aproximarmos daquilo que Lacan discerne em relação a como o complexo se articula. Nos primeiros seminários de 1958, encontramos a descrição de três momentos distintos do complexo de Édipo. Cada um dos chamados “tempos” é caracterizado pela maneira como a função do pai pode operar.

Lacan explica que, no primeiro tempo do complexo de Édipo, o pai não está presente no real, mas sua função é exercida através de algo que acontece na relação da criança com a mãe. A mãe é o primeiro outro, a primeira pessoa com quem a criança se relaciona desde os momentos mais iniciais da vida. Desse modo, Lacan designa a mãe como objeto primordial, o desejo da criança se articula em relação a ela. No entanto, é

essencial ressaltar que aquilo que a criança deseja não é propriamente a mãe, como objeto, mas sim o seu desejo. O que está em jogo é desejo de desejo.

Aquilo que a criança deseja é que ela possa ser objeto de satisfação da mãe. Há momentos em que a atenção da mãe está realmente voltada para a criança. No entanto, desde muito cedo, a criança se dá conta de que há também momentos nos quais a mãe se ausenta. Lacan (1957-8/1999) articula o movimento de presença e ausência da mãe ao lugar de objeto parcial que a criança ocupa em seu circuito pulsional. Há uma satisfação que acontece na relação com o filho, mas há também o desejo de Outra coisa, que é a causa de sua ausência. É precisamente aqui que a função paterna opera no primeiro momento do complexo de Édipo.

Há algo que faz com que a mãe se ausente. O desejo dela se dirige a essa Outra coisa que, segundo Lacan, é o falo. A criança se oferece à mãe, tentando se assemelhar a esse objeto que é tão importante para ela. Lacan sustenta que a questão, neste momento, é “*ser ou não ser*” o falo (LACAN, 1957-8/1999 p. 192). É importante notar, no entanto, que a possibilidade de ocupar esse lugar não depende apenas do desejo da criança. Há uma ordem simbólica, na qual a criança é inserida ao nascer, que precede a sua existência. Abordamos o conceito de Outro no primeiro capítulo, assim como a existência de algo que antecede o nascimento do sujeito e que incide em sua constituição.

Aquilo que faz com que a função paterna opere, neste ponto, é uma lei à qual a mãe está submetida. Na medida em que sua estrutura é determinada pela lei fálica, este objeto - o falo - ocupa um lugar único e intransponível para ela. Nesse momento, a função do pai tem como efeito a frustração do sujeito, na medida em que ele não será o objeto de desejo da mãe (LACAN, 1957-8/1999).

A interdição do desejo se realiza, portanto, pela impossibilidade de ocupar o lugar do falo para a mãe. Neste momento do complexo de Édipo, não há presença real do pai. A função paterna é exercida na medida em que o desejo de Outra coisa atravessa a relação entre criança e mãe. Lacan (1957-8/1999) afirma que há uma intervenção velada da função paterna, no primeiro tempo do complexo de Édipo. A operação acontece sem que seja necessário nem ao menos uma referência verbal ao pai, embora sua lei esteja operando.

No segundo tempo, a questão que estava em jogo no primeiro irá se decantar. Se, no primeiro momento, a criança é frustrada por não poder ocupar o lugar do falo, agora ela se dá conta de que é o pai quem possui esse objeto. Há algo que está para além do desejo da mãe. O fato de que o falo seja seu objeto de desejo não significa que ela o terá.

É neste momento que a criança constata que a mãe está submetida à lei do Outro. O pai ocupa, portanto, o lugar de lei para a mãe. Isso acontece justamente porque ele é detentor do falo e o concederá à mãe se ele próprio ocupar o lugar da lei para ela. Esta lei atravessa, portanto, o discurso da mãe e chega à criança. A criança é ela também submetida à lei do pai, mesmo que não se relacione diretamente com ele. Na medida em que a criança se dirige à mãe e esta é atravessada pela lei do pai, sua resposta à criança incluirá o efeito da operação da lei. Assim, o sujeito também é submetido à lei do pai (LACAN, 1957-8/1999).

Lacan (1957-8/1999) considera este segundo tempo muito importante, apesar de breve. É neste momento que se institui de maneira mais incisiva aquilo que impede que a criança se torne o objeto da mãe. Isso se faz na medida em que a mãe é privada de alguma coisa. É essencial compreender que, neste tempo, quem é castrada é a mãe. Ela

é submetida ao Outro, que pode privá-la de seu desejo. A função do pai é, neste momento, a de privação da mãe.

É importante considerar também que sem essa proibição, a mãe poderia aceitar uma relação na qual a criança permaneceria em um lugar de ideal. Lebrun (2001/2004) se refere à mãe como o primeiro outro para a criança e ao pai como outro da mãe. Há algo nessa primeira relação que pode incidir de maneira muito forte se não houver a intervenção de um terceiro. O pai é o terceiro elemento do triângulo edípico, é aquele que possibilita que a criança seja diferente daquilo que a mãe diz que ela é. Lebrun afirma: "... o pai vem colocar o afastamento na primeira relação simétrica da mãe com a criança e introduz, assim, o registro assimétrico do terceiro" (LEBRUN, 2001/2004. p.35). A função do pai possibilita, neste momento, que o sujeito encontre um lugar para si diferente daquele de objeto da mãe.

No terceiro tempo, a presença do pai é real. Se no segundo momento, o pai é aquele que dita a lei, pois possui o falo, no terceiro ele prova que o possui e pode dar à mãe o que ela deseja. Nesse momento do Édipo, há algo que acontece que o sujeito não entende, mas que opera nele. Apesar de Lacan se referir à presença real do pai, é importante observar que se trata de uma operação simbólica. Há uma dimensão de poder genital na função paterna, neste momento. É na medida em que a função do pai opera, simbolicamente, que ele será percebido como alguém potente. É importante perceber que o que está em jogo no terceiro tempo, que Lacan designa como poder genital, é um desdobramento do que acontece nos tempos anteriores.

Lacan (1957-8/1999) se refere, assim, ao ato de "doação" do falo à mãe, que abre uma possibilidade para que o sujeito tenha, ele também, permissão para ter o seu mais tarde. Ao ser submetido à interdição do pai, o sujeito é auferido com o direito de

usar sua própria potência genital quando se tornar mais velho e se dirigir a outras mulheres. Isso só acontece na medida em que o pai está no lugar daquele que pode castrar o sujeito, lugar de potência.

Segundo Lacan (1957-8/1999), o declínio do Édipo acontece nesse terceiro momento, a partir desta permissão e pela identificação do menino com o pai. O pai é aquele que é potente e o sujeito deseja ser semelhante a ele. Lacan explica que a partir deste momento, o sujeito percebe a mãe como aquela que é castrada e o pai como aquele que possui o falo. Ele pode fazer uma identificação com o pai, que constituirá seu Ideal do eu. É possível também que a identificação do sujeito seja com a mãe. No entanto, de acordo com Lacan, isso acontece apenas quando algo desvia do desenvolvimento descrito.

Observamos, portanto, que a função do pai tem diferentes efeitos ao longo dos momentos do complexo de Édipo. No primeiro momento, a impossibilidade de ser o objeto da mãe tem como efeito a frustração do sujeito. Em seguida, a função do pai é de privação. Aquela que é privada de seu objeto de desejo é a mãe, mas isso não deixa de ter fortes efeitos para o sujeito. É o momento em que ele se dá conta de que existe uma lei que opera além da mãe. No terceiro momento, a função do pai é a castração (imaginária).

É importante observar que a função do pai pode ser considerada a partir de diversos aspectos e não é raro que um julgamento sobre sua eficiência seja calcado em uma análise do contexto familiar. No entanto, é importante precisar de que se trata quando nos referimos à função paterna no campo da psicanálise lacaniana.

Há uma questão muito importante que se refere à necessidade de que o pai esteja presente para que sua função seja exercida. Lacan sustenta que há uma diferença

entre a presença real do pai e a função paterna. A função do pai opera de tal modo que é possível servir-se dele, sem necessariamente tê-lo. Lacan afirma: “A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno” (LACAN, 1957-8/1999 p. 180). A questão da inscrição do significante Nome-do-Pai merece atenção, retornaremos a ela mais adiante, ao tratar da metáfora paterna.

Como acompanhamos naquilo que Lacan descreve sobre os tempos do Édipo, nos dois primeiros momentos não há presença real do pai. A função é exercida, no princípio, na própria relação da criança com a mãe. É precisamente na medida em que a lei do pai tem efeitos na cadeia significante que é possível servir-se do significante Nome-do-Pai sem necessariamente ter um pai. É perfeitamente possível que o significante Nome-do-Pai possa operar em um sujeito para o qual não há presença real do pai (LACAN, 1957-8/1999).

Parece haver, no campo da psicanálise, um esforço em compreender em que medida a presença do pai se articula a algo da constituição do sujeito. Lacan explica que, inicialmente, acreditava-se que um problema se constituía quando o pai era muito presente. Ele parece se referir à teoria da sedução de Freud, que afirmava que o trauma seria consequência de uma situação na qual a criança teria sido vítima de uma sedução.

Em 1896, Freud articulava a origem da neurose a uma experiência sexual precoce. Nesse momento inicial do desenvolvimento da teoria psicanalítica, Freud acreditava que os sujeitos histéricos teriam sido vítimas de situações de assédio ou abuso sexual na infância. Ele explica que, no primeiro momento - quando a situação acontece - a criança não teria maturidade sexual para compreender a experiência como

tal. No entanto, em um segundo momento, após a puberdade, o sujeito poderia dar sentido ao que viveu antes, por já ter desenvolvido a sexualidade.

A teoria de Freud, nesse momento, era que uma experiência sexual estaria na origem do trauma tanto da histeria, quando a criança teria uma postura passiva na cena de sedução, quanto na neurose obsessiva. Nesta última, no entanto, a criança teria algum prazer na situação sexual, o que determinaria uma postura mais agressiva que passiva. É essencial ressaltar que Freud não tardou em revisar esta hipótese e perceber que não se tratava disso.

Na carta 69 a Flies, (FREUD, 1897/1969) encontramos o registro do encontro de Freud com um impasse. Ele explica, nesse escrito, cada uma das razões que o levam a questionar sua teoria sobre a etiologia da neurose. Dentre elas, destaca-se a constatação de que se haver passado por uma situação de sedução na infância seria indispensável para constituir uma neurose, ele próprio deveria ter sido vítima de seu pai - hipótese que Freud não considera possível. Além disso, ele afirma algo muito interessante sobre o funcionamento do inconsciente: não há nele um signo de realidade. Freud refere-se à impossibilidade de distinguir aquilo que realmente aconteceu e o que constitui uma fantasia, no entanto ele não diz apenas isso.

Em primeiro lugar, não podemos deixar de observar que quando Freud afirma que não há no inconsciente algo que faça referência à realidade, ele parece, mesmo que não tivesse a intenção, antecipar algo. Lacan compreende o encontro com o real como traumático. O real não pode ser simbolizado, ele faz corte. Lacan (1964/2008) designa o encontro com o real como algo que é sempre marcado pela falta. Há sempre algo nesse encontro que resta, pois não é possível simbolizar.

Outra questão na qual devemos nos deter um pouco mais se refere à fantasia. Freud considera, já em 1897, que é possível que aquilo que o sujeito se lembra sobre a cena sexual na infância constitua uma fantasia. Ele faz alusão a uma “ficção catexizada com o afeto” (FREUD, 1897/1969 p.280) que se distingue do que ele considera, então, a realidade. Apesar de que Freud considerasse que seu trabalho encontrava um limite naquele ponto e chegasse a dizer que não sabia por onde seguir, na própria argumentação que refuta a hipótese encontramos alguns dos caminhos que seriam seguidos.

O curso de sua cuidadosa pesquisa mostrou que, na verdade, a sexualidade está presente desde o princípio no desenvolvimento infantil (FREUD, 1905/1972). Vimos que no artigo de 1905, ele expõe sua tese sobre as fases da sexualidade infantil. Nesse trabalho, além de afirmar que existe sexualidade na infância, Freud mostra o quanto ela tem efeitos em tudo aquilo que constitui a vida da criança, principalmente na relação com os pais.

Vimos que, ao descrever as fases da sexualidade infantil, Freud (1905/1972) observa que a relação com a mãe é algo que se estabelece desde o princípio. O seio constitui o primeiro objeto de satisfação na vida do bebê e é a ausência da mãe que lança a criança na busca por outros objetos. Freud descreve essa fase da infância como fortemente caracterizada por atividades autoeróticas que substituem a satisfação oral de sugar o seio. Ter como objeto uma parte do próprio corpo é uma maneira de lidar com a ausência da mãe. A função do pai tira a criança do autoerotismo- que é um continuum da relação com a mãe- e a lança em direção a outros objetos.

No artigo de 1905 - sobre a teoria da sexualidade – Freud atribui a necessidade de recalçamento da sexualidade à repressão dos adultos em relação às atividades

autoeróticas. Ainda que não tivesse desenvolvido plenamente a teoria sobre o complexo de Édipo, ele se refere ao efeito de uma proibição.

É importante observar que, mesmo que a teoria da sedução tenha sido submetida à revisão de seu próprio autor, ela nos indica que ele se deu conta muito cedo de que havia algo relacionado à sexualidade na constituição da neurose. No texto de 1897, Freud se refere às marcas indeléveis das experiências sexuais infantis (FREUD, 1897/1969). Por mais que isso não se refira necessariamente a algo traumático, Freud constata que há um efeito permanente daquilo que o sujeito vivencia de sexualidade na infância. Efeito este que Lacan não deixa de considerar. Ao se referir às incidências do complexo de Édipo, ele afirma que os desejos em jogo nesse momento estão “sempre presentes” (1999/1957-8 p.167). Esta é uma afirmação forte e não devemos passar por ela sem considerarmos a palavra que Lacan escolheu: *sempre*. Há algo que se inscreve no momento do Édipo que é permanente. Há marcas que estarão *sempre presentes*, em todas as situações da vida do sujeito.

Lacan explica que, após o trabalho de Freud, a presença do pai deixou de ser considerada problemática. Havia parte da comunidade psicanalítica que afirmava que seria, na verdade, a ausência do pai que estaria na origem de um transtorno (LACAN, 1957-8/1999). De acordo com aquilo que Lacan articula, o que está em jogo não é tanto a presença real do pai, mas que sua função opere na relação da criança com a mãe. O pai pode estar presente no discurso da mãe, mesmo que ele não esteja presente no dia-a-dia da família. Isto é muito importante e é algo que Lacan encontra em sua clínica; ele afirma:

“Mesmo nos casos em que o pai não está presente, em que a criança é deixada sozinha com a mãe, complexos de Édipo inteiramente

normais (...) se estabelecem de maneira exatamente homóloga à dos outros casos.” (LACAN, 1957-8/1999, p. 173).

Lacan (1957-8/1999) questiona, assim, de que se trataria a chamada “carência paterna” da qual se falava naquele momento. Discutia-se a questão do pai a partir de julgamentos sobre sua personalidade e sua posição na família. As discussões eram encaminhadas com o objetivo de definir o que seria mais problemático: um pai muito cruel ou dócil demais. O que Lacan constata é que não existe uma prescrição de pai ideal. Além disso, a maneira como o pai se relaciona com o filho não é tão determinante no que se refere à possibilidade de operação da sua lei. É de outra coisa que se trata.

Lacan (1957-8/1999) atenta para uma distinção entre a função do pai na família e aquela que ele exerce no complexo de Édipo. O papel do pai na família pode variar, ele pode ser mais ou menos dócil com o filho, estar muito presente ou completamente ausente. Isso certamente terá consequências. No entanto, no que se refere à inscrição do significante Nome-do-Pai, não é disso que se trata. Como verificamos na descrição dos tempos do complexo de Édipo, aquilo que é fundamental para que a criança seja submetida à lei do pai é que a mãe esteja submetida a essa lei. É na medida em que o pai possui o objeto de desejo da mãe, o falo, que ele ocupará para ela o lugar de quem dita a lei. Esta relação estará presente no discurso da mãe e chegará à criança.

Outro aspecto importante em relação ao pai se refere à sua “normalidade”. Lacan (1957-8/1999) afirma que não há uma equivalência entre a normalidade do pai e que ele seja normativo. Sua normalidade, neste caso, se refere à condição de neurótico. Neste ponto, Lacan designa estar na estrutura da lei fálica como aquilo que é normal. Mesmo que o pai esteja nesta estrutura, isso não garante que ele poderá ter uma função normativa para a criança. Normativa se refere à possibilidade de fazer normas, impor uma lei.

O que podemos articular, nesse ponto, é que a condição de normal do pai, diga-se neurótico, não garante que sua função será exercida de tal modo que o filho se constitua na mesma estrutura. É notório que, caso o pai fosse constituído de maneira diferente, se não estivesse na estrutura da neurose, isso possivelmente traria uma série de outras questões para as relações familiares. No entanto, a possibilidade de simbolização da autoridade do pai não parece estar necessariamente atrelada à sua estrutura.

A relação de causalidade também não existe no que se refere à normalidade do comportamento do pai - se ele é mais ou menos próximo do que constitui o ideal de pai em um grupo social. Que ele seja considerado muito normal por aqueles que se vejam aptos a julgar tal posição também não assegura que a função paterna no complexo de Édipo seja exercida.

Freud designa ao complexo de castração uma função importante na constituição do sujeito. Além de representar o desfecho do complexo de Édipo no caso dos meninos – observamos que Freud descreve uma distinção de sua função em cada sexo – é a partir dele que se constitui o supereu.

A ameaça de castração impede a realização do incesto, no entanto, o desejo não deixa de existir. O complexo de castração impõe, assim, a necessidade de recalçamento daquilo que constitui o complexo de Édipo. Como vimos, segundo o que Freud desenvolve em o Ego e o Id, é uma parte da consciência que seria recalçada e se tornaria responsável por julgar os conteúdos que podem se tornar conscientes. O supereu constitui uma maneira interna de regulação do sujeito que atua de acordo com princípios morais (FREUD, 1923/1976).

No escrito sobre a significação do falo, Lacan afirma que o complexo de castração tem uma função nodal. Em primeiro lugar, ela determina a maneira como o sintoma se estrutura, seja na neurose ou na psicose e perversão. Além disso, Lacan designa como sua ressonância o estabelecimento do que ele chama de uma posição inconsciente que é essencial para a identificação ao tipo ideal do seu sexo. Lacan se refere à articulação de Freud, no final de seu trabalho, sobre marcas permanentes do complexo de castração no inconsciente masculino e a *penisneid* - a inveja do pênis - na mulher.

A análise de Lacan sobre o caso Hans nos aproxima de alguns desses pontos que discutimos sobre a função paterna. Freud relata em 1909 o caso do menino Hans, que se trata de uma fobia infantil que é considerada uma consequência dos desdobramentos do complexo de Édipo. O pai de Hans se correspondia com Freud, informando-o sobre os acontecimentos da vida do menino. É importante observar que Freud nunca chegou a encontrar com a criança pessoalmente, mas procurava orientar o pai em relação ao caso (FREUD 1909/2006).

Hans tinha uma relação muito próxima e amorosa com a mãe. Sua infância se caracterizava por grande interesse e empenho em “pesquisas sexuais” (expressão que Freud recorria para se referir às dúvidas e curiosidades em relação à sexualidade, incluindo a tentativa de ver órgãos sexuais de outras pessoas). A partir daquilo que Freud expõe sobre o caso, podemos destacar dois acontecimentos mais marcantes na infância de Hans: aos três anos e meio, ao vê-lo tocar o pênis, sua mãe o reprimiu com a ameaça de que se ele o fizesse novamente, ela chamaria um médico para “cortar fora seu pipi” (FREUD, 1909/2006 p. 17); em seguida, nasce a irmã de Hans.

O nascimento da irmã é um acontecimento importante, pois desde o primeiro momento em que a viu ser banhada, Hans ficou intrigado com o fato de que seu órgão sexual era muito menor do que o dele. Notemos que Hans se referia, nesse momento, da mesma maneira aos órgãos sexuais feminino e masculino - a palavra “pipi” designava ambos. A partir da constatação de que havia uma distinção, Hans se lança em uma investigação com o objetivo de descobrir a diferença entre eles. Ele não tarda em descobrir que as mulheres não têm pênis. Poucos meses mais tarde, irrompe a fobia: Hans passa a ter muito medo de animais grandes como cavalos (corriqueiros em Viena naquele período) e girafas, que encontrava quando visitava o zoológico (FREUD, 1909/2006).

Uma série de informações e detalhes permeiam o artigo de Freud sobre o caso Hans. No entanto, nos deteremos em mencionar apenas alguns aspectos mais importantes que contribuam para a discussão sobre a função paterna. Durante certas férias de verão, o pai de Hans não estava presente e o menino ficava, portanto, sozinho com a mãe e dormia com ela. Ao final das férias, o pai retorna e sua presença passa a ser percebida por ele como algo que prejudicava sua proximidade com a mãe.

Em relação à fobia, Freud (1909/2006) relata uma situação na qual Hans tem um ataque de ansiedade ao sair para um passeio. Nesta ocasião, o menino disse que “queria ficar com sua mãe e acariciá-la” (FREUD, 1909/2006 p. 121). Freud articula a fobia da criança ao desejo de estar com a mãe e ao sentimento de ambivalência em relação ao pai, que também era muito próximo de Hans. Ao trabalhar a questão da função paterna, Lacan expõe sua própria análise em relação ao caso e verificamos que ele considera algo que vai além daquilo que Freud articulou.

Lacan não articula a fobia de Hans ao desejo de estar mais próximo da mãe, mas à função de seu pai no complexo de Édipo. Ele afirma em relação ao pai que, apesar de desempenhar um bom papel no contexto familiar, há algo que não opera em sua posição no complexo de Édipo.

Nos seminários de 1956-7, Lacan trabalha a relação de objeto e apresenta alguns pontos de sua análise sobre o caso. Desse modo, ele chama atenção para a proximidade da relação entre Hans e a mãe. A mãe permitia a presença do menino na cama do casal no período da manhã, apesar da desaprovação do pai. Lacan considera que o pai, além de se mostrar muito tolerante, não tinha controle algum da situação, na medida em que aquilo que diz não tem valor. Não importa que ele diga que Hans não pode estar na cama do casal, a mãe permite sua presença e o menino vai.

Neste caso, a palavra do pai não tem efeitos no discurso da mãe. A relação de Hans com a mãe é próxima demais e o problema se constitui na medida em que não há um terceiro para separá-los. Devemos observar que a própria mãe impõe alguns limites, inclusive proibindo a masturbação do menino sob ameaça de castração. No entanto, há algo na interdição que não opera. Apesar da proibição, o menino não interrompe a atividade, ele parece não dar credibilidade a ameaça. Isso acontece, pois, a própria mãe não acredita na ameaça que profere. Lacan (1956-7/1995) afirma que os pais sabem sobre a persistência, mas dissimulam que não.

A fobia de Hans é consequência da ausência de um terceiro que autentique a lei como tal. O pai está presente, mas sua função só opera na medida em que atravessa o discurso da mãe como lei. Lacan atribui, portanto, a angústia de Hans ao que ele denomina “assujeitamento” (LACAN, 1957-8/1999 p. 196). O conceito de sujeito é introduzido por Lacan para se referir àquele que ainda não foi atravessado pela lei

fálica. O sujeito se constitui como tal, apenas depois de submeter-se à lei fálica, antes disso, é assujeito. Se a função do pai não é exercida - diga-se quando a criança não é submetida à lei do Outro - ela permanece assujeito.

Lacan explica que a criança sabe, pela sua relação com a mãe, sobre a importância do falo para ela. Hans parece mesmo tentar entender de que se trata este objeto, na medida em que está muito atento a tudo que se refere aos órgãos sexuais das pessoas e animais que o rodeiam. Ele investiga quem o possui e de que forma – se é grande, pequeno. Hans quer saber se a mãe o tem. No seminário de 1956-7, Lacan articula a manifestação da fobia ao momento em que o menino se dá conta da possibilidade de potência do seu próprio pênis.

A grande proximidade da mãe de Hans e sua impossibilidade de fazer valer a palavra do pai se referem à falta de uma incidência na demanda da mãe. Seria necessário que Hans se encontrasse com algo que fizesse limite em sua relação com a mãe. Isso poderia vir tanto do pai, - na medida em que sua palavra tivesse valor de lei para a mãe - quanto da mãe. Algo poderia operar no discurso da mãe a partir do que ficou para ela da função do pai em sua própria constituição. No entanto, isso acontece de maneira problemática.

Lacan afirma, assim, que houve no caso de Hans uma carência paterna. O pai não era absolutamente ausente do ponto vista familiar. Tanto Freud quanto Lacan parecem convencidos quanto ao fato de que o pai de Hans era próximo do menino e muito cuidadoso. A carência paterna, neste caso, se refere ao complexo de Édipo. Lacan afirma que apesar de ser um pai zeloso, “ele é totalmente inoperante, na medida em que aquilo que diz é precisamente sem efeito - junto à mãe” (LACAN 1957-8/1999 p. 199).

O discurso da mãe de Hans não é atravessado pela lei do pai e é por isso que ele permanece assujeitado.

Lacan designa a intervenção do pai como aquilo que introduz a ordem simbólica. Se há uma lei para além da mãe, as questões serão resolvidas em outra instância, que não depende do desejo do sujeito. É na medida em que a lei do pai não chega a Hans e que ele se vê diante da possibilidade de usar o próprio órgão sexual que emerge a angústia. Hans não tem condições de resolver isso sozinho, o que constitui a condição perfeita para que a fobia se instale.

O animal, que o menino tanto teme, substitui o pai, que não tem êxito em ser sustentáculo da interdição. Em *Totem e Tabu*, o animal totêmico substitui o pai morto, no caso de Hans, seu pai não está morto, mas sua lei é inoperante. É justamente porque a lei do pai não opera, por Hans não o temer, que ele procura uma figura que faça esse papel. Sua estrutura necessita de uma borda, alguma interdição que introduza um limite em tanta liberdade que lhe é concedida.

Lacan se refere à angústia, nesse momento, como algo que o sujeito vivencia quando está “suspenso entre um tempo que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo onde ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar.” (LACAN, 1956-7/1995 p.231). Hans parece verdadeiramente perdido, suspenso, entre toda a possibilidade que a realidade do pênis lhe confere e ausência de uma lei que efetivamente o reprima.

Segundo Lacan, a fobia é a maneira pela qual Hans pode sair da condição de assujeitamento. Ele afirma: “Para que ele não seja pura e simplesmente um assujeito, é necessário que apareça alguma coisa que lhe meta medo.” (LACAN, 1957-8/1999 p. 196). O medo é necessário na medida em que a lei do pai não está operando. Como a

interdição não acontece no simbólico, Hans precisa eleger um objeto. O caso Hans é, assim, um exemplo de uma situação na qual o Nome-do-Pai não se inscreve da maneira mais frequente - como Lacan descreve no seminário de 1957-8 - mas outra saída para o complexo de Édipo é encontrada.

É necessário, portanto, que o pai esteja no lugar da lei para que a sua função seja normatizadora. Isso quer dizer que, na relação da criança com a mãe, é preciso que a lei do pai seja determinante. Há uma impossibilidade de encontro com o objeto último à satisfação, que neste momento é a mãe, e isso introduz o sujeito na lei fálica. No próximo capítulo, discutiremos esta questão de maneira mais aprofundada, assim como algumas de suas ressonâncias.

Capítulo 3 – A Metáfora Paterna

Até este ponto do trabalho, abordamos a estrutura da linguagem, assim como a questão da função do pai na teoria psicanalítica. Procuramos discutir aquilo que as aproxima ao longo de todo o nosso percurso. É essencial compreender que Lacan designa a função do pai como uma operação de linguagem. Neste capítulo nos aproximaremos ainda mais desta articulação. Discutiremos também algumas ressonâncias da inscrição do significante Nome-do-Pai para a constituição do sujeito.

3.1- A inscrição de um significante

Como discutimos no segundo capítulo, há, no campo psicanalítico, uma busca em definir o que é que estaria faltando quando nos referimos a uma carência paterna. Se alguns consideram que seria uma questão ambiental, Lacan afirma que não é disso que trata. A carência paterna considerada pela psicanálise lacaniana não se refere ao papel do pai na família, às suas características, à sua presença ou ausência. Refere-se à possibilidade de operação de uma função no complexo de Édipo. Como vimos, para que a função do pai opere no complexo não é necessário que ele esteja presente, mas que o discurso da mãe seja atravessado pela sua lei.

Há uma operação que acontece no nível significante. Isso é essencial e nos remete a uma afirmação de Lacan sobre a castração. Ele a designa como algo que se manifesta “em toda nossa experiência” (LACAN, 1957-8/1999 p. 175). Isso se deve à inscrição de um significante que introduz um novo funcionamento em toda a cadeia. Não podemos deixar de considerar as consequências disso. No momento do Édipo, a ameaça de castração refere-se ao encontro com a mãe, no entanto a falta está posta em toda experiência do sujeito. No escrito *A significação do Falo*, de 1958, Lacan afirma:

“(…) o homem não pode almejar ser inteiro (...), a partir do momento em que o jogo de deslocamento e de condensação ao qual ele é destinado no exercício de suas funções, marca sua relação de sujeito ao significante.” (LACAN, 1958/2011 p.269).

Verificamos no primeiro capítulo que os mecanismos deslocamento e condensação são análogos às operações de metonímia e metáfora. A falta está posta, portanto, na medida em que o sujeito está na estrutura da linguagem. “A metáfora situa-se no inconsciente”, afirma Lacan (1957-8/1999 p.182).

A metáfora paterna é assim nomeada, pois sua operação implica a substituição de um significante por outro na cadeia (LACAN, 1957-8/1999). Como verificamos nos desenvolvimentos de Freud e Lacan sobre o complexo de Édipo, a mãe é o primeiro outro e primeiro objeto de desejo do sujeito. Lacan afirma, portanto, que o significante materno é o primeiro “introduzido na simbolização” (LACAN, 1957-8/1999 p. 180). Aquilo que ele denomina de Nome-do-Pai é, portanto, o significante que virá substituir esse primeiro significante. Isto acontece pelo mecanismo da metáfora. Abordamos, no primeiro capítulo, o funcionamento desta função da linguagem.

Consideramos que o mecanismo da metáfora se caracteriza pela substituição de um significante por outro e que há algo que emerge a partir disso, como afirma Lacan (1957-8/1999). Há um significante presente, diga-se aparente, e outro oculto - que não deixa de operar. O que surge na metáfora é algo que acontece pela operação entre estes dois significantes, o substituído e o substituto. Lacan (1957-8/2011) afirma ainda que, para que a metáfora possa acontecer, os dois significantes devem ter uma relação no real – diferenciando-a da metonímia, na qual a relação entre os significantes existe na cadeia significante. Se Lacan afirma que, na metáfora, a relação entre o significante substituído e aquele que o substitui está no real, a relação entre o pai e a mãe deve existir nesse campo.

É importante ressaltar que a metáfora paterna não se trata apenas da inscrição do significante Nome-do-Pai, mas também de sua produção. Ele não existe antes. É um significante que é produzido pela própria operação da metáfora. Para que possa haver a produção e inscrição do significante Nome-do-Pai, que não acontece senão pela metáfora, é necessário que exista uma relação real entre o pai e mãe. Isso não quer dizer que a relação tenha que ser contemporânea à inscrição do significante, já constatamos que não há necessidade de que o pai esteja presente para que a função opere. No entanto, é necessário que em algum momento a mãe tenha desejado outra coisa. Que a palavra dela seja legitimamente atravessada pelo Outro. O que queremos articular aqui se refere à impossibilidade de fazer uma lei operar se não há alguém que a confirme, a sustente (LACAN, 1957-8/1999).

Consideramos que no caso Hans havia uma carência que não se referia absolutamente ao afastamento ou à falta de cuidados do pai com o menino. O pai era muito presente e o problema se constitui na medida em que sua lei não opera na relação entre o Hans e a mãe. A função do pai só pode operar se sua lei tiver efeito no discurso da mãe – “na medida em que o que ele diz não é, de modo algum, igual a zero”, afirma Lacan (1957-8/1999 p.197).

A palavra do pai tem efeito de lei para o sujeito. Vimos que no caso de Hans, por mais que o pai proibisse a presença do menino na cama do casal, a mãe permitia que ele ficasse. Lacan afirma que o significante Nome-do-Pai é aquele que “funda como tal o fato de existir a lei” (1957-8/1999 p. 153). Sua presença na cadeia significa que há uma impossibilidade de realização do desejo. A mãe, que neste momento está no lugar de objeto de desejo, é submetida à lei do Outro e ela está interdita.

A inscrição do significante Nome-do-Pai implica que o sujeito seja submetido à lei que rege a ordem simbólica. É a presença deste significante na cadeia aquilo que introduz o sujeito na estrutura da lei fálica. Costa-Moura e Fernandes (2009) se referem ao caráter essencial que os significantes do Nome-do-Pai e do Falo têm na teoria lacaniana. Eles afirmam que estes significantes têm funções fundamentais na linguagem, pois fazem com que “a linguagem incida sobre ela mesma” (FERNANDES & COSTA-MOURA 2009).

Fernandes e Costa-Moura (2009) ressaltam que, segundo Lacan, o significante Nome-do-Pai “é o significante que significa que, no interior do significante, o significante existe” (LACAN 1957-8/ 1999 p. 153). Ele se refere à articulação entre a inscrição deste significante e a operação de uma lei, de uma ordem significante. Em relação ao Falo, Costa-Moura e Fernandes o designam como o significante “que traz para dentro do sistema significante o significado desse sistema” (FERNANDES & COSTA-MOURA, 2009 p. 160).

Compreender a articulação entre estes dois significantes essenciais não é simples, no entanto é muito importante. A inscrição do Nome-do-Pai se articula a uma ratificação da própria lei significante no Outro, enquanto o significante do Falo se articula à possibilidade de significação. Costa-Moura e Fernandes (2009) enfatizam que se tratam de planos distintos, embora articulados. Eles afirmam: “o que traz para dentro da ordem significante a significação (o que a faz valer enquanto referida ao significante) é o Falo.” (FERNANDES & COSTA-MOURA, 2009 p. 160)

Estar na estrutura da lei fálica significa, portanto, que o sujeito está submetido não apenas à lei significante do Outro, mas também está submetido a um regime – um funcionamento - de significações. O Falo é o significante que assegura que o que o

outro diz deve ter uma significação possível. Trabalhamos no primeiro capítulo a questão de que existe uma frustração na comunicação, na medida em que a fala não corresponde a uma intencionalidade. No entanto, até para que possa se encontrar com a impossibilidade que a linguagem coloca, é necessário que sujeito esteja submetido ao sistema significante.

Em *A significação do Falo*, Lacan (1957-8/2011) afirma que metáfora e metonímia são os mecanismos a partir dos quais pode emergir um significado. Vimos que na metáfora paterna há algo que acontece pela substituição do significante materno pelo Nome-do-Pai. A inscrição do significante Falo - que acontece pelo mecanismo da metonímia, na medida em que tem uma relação com o significante do pai – também introduz algo fundamental para a constituição do sujeito.

O Falo é o significante que representa que há uma impossibilidade da significação completa. Não há um significado que corresponda ao significante, o que existe é uma possibilidade de significação a qual o sujeito é chamado a completar. Aquilo que determina as possibilidades de significações é o significante: “aquilo pelo que a significação é regida depende do significante”, afirmam Costa-Moura e Fernandes (2009, p.160).

Lacan afirma que o falo é o “significante destinado a designar no seu conjunto os efeitos de significado, no que o significante os condiciona por sua presença de significante” (LACAN, 1958/2011 p.267). Há na significação, portanto, uma determinação significante. O Falo é o que representa que o significado não existe e que é necessário um sujeito para significar. No entanto, não devemos desconsiderar a importância das significações postas pela lei fálica. O significante do falo é aquilo que garante que, em certa medida, o sujeito possa ter acesso a algo da mensagem que o

outro emite. É o que assegura que quando o outro se refere a uma caneta, o sujeito possa pensar em uma caneta como tal e não em um elefante. Apesar da ambiguidade que está posta na comunicação e da possibilidade de equívoco ou tropeço, há um sistema de significações que permite que algo da mensagem chegue ao outro.

Em relação à determinação significativa, há uma articulação importante de Lacan sobre a questão da transmissão. No escrito sobre a instância da letra, Lacan (1957/1996) afirma que a tradição que instaura o discurso só pode ser transmitida dentro das possibilidades determinadas pela linguagem. Há algo na transmissão entre os seres falantes que é fundamentalmente distinto do que acontece na natureza.

Em *Adesão ao líder ou submissão ao pai: a escolha do sujeito*, Lo Bianco (2008/2009) discute a possibilidade da transmissão a partir da questão da submissão a uma palavra. Ela explica que aquilo o que está posto na transmissão se refere à possibilidade de “fazer valer a palavra do pai” de modo que a partir disso o sujeito possa tomá-la e ir além.

A transmissão não está articulada a uma questão genética ou biológica, “o natural se perde quando estamos no reino dos falantes, na ordem da linguagem, da cultura” – explica Lo Bianco (2008/2009 p.119). Na transmissão, a questão da palavra do pai está posta, mas isso não se dá de forma alguma de modo natural – não se trata de uma repetição, tampouco de uma continuação.

Lo Bianco explica que a transmissão não acontece de forma natural, pois é apenas a partir da castração – ou seja a impossibilidade do sujeito se satisfazer com o objeto último - que o sujeito pode fazer alguma coisa daquilo que recebe do pai. Cabe ao sujeito inventar algo com isso que ele herda: “Essa invenção (que está do lado do

sujeito) irá sustentar a tradição, irá responder pela herança que ele terá recebido.” afirma Lo Bianco (2008/2009 p. 123).

A partir da palavra do pai, será necessário que o sujeito ocupe um lugar. Ocupar um lugar, explica Lo Bianco (2008/2009), se articula necessariamente à questão ética. Uma vez que na transmissão não há nada de automático, o sujeito só pode dar o passo no sentido de fazer valer uma palavra na medida em que ele toma um posicionamento em relação ao seu desejo – passo que Lacan articula ao problema ético.

3.2 - A Questão da Ética

Em seu sétimo seminário, Lacan discute em que medida a articulação do princípio do prazer com o princípio da realidade convoca um posicionamento do sujeito. Em *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1895/1969) descreve o princípio de inércia neuronal, que se refere à tendência dos neurônios de eliminar Q (qualquer atividade que se diferencie do estado de repouso). Nesse artigo, Freud não se referia ainda a princípio do prazer e princípio de realidade, mas a processos primário e secundário.

No funcionamento do processo primário, a descarga de energia acontece de forma livre, direta. Não é possível controlar, por exemplo, se o objeto investido está realmente presente na ação ou se ele é alucinado, a descarga ocorre de qualquer forma. No processo secundário, em contrapartida, há uma regulação da descarga (FREUD, 1895/1969).

Lacan (1959/2008) considera a importância da existência de algo que regula o prazer. Esta função, que é também característica do princípio de realidade, como

veremos adiante, pode ser observada também no que é descrito sobre o processo secundário, já no Projeto. Isso pode ser depreendido, na medida em que ele se opõe a uma descarga de energia livre e se caracteriza por uma descarga controlada. O retorno a alguns artigos iniciais da teoria de Freud é interessante para constataremos que a ideia de que há uma necessidade de algo que imponha um limite está presente desde o princípio de seu trabalho.

Apenas mais tarde, após ter avançado no desenvolvimento da teoria psicanalítica, Freud se refere diretamente aos princípios de prazer e de realidade. No artigo *Formulações sobre os dois princípios do Funcionamento Mental* de 1911, Freud trabalha não apenas os princípios em si, mas também faz referência aos conceitos de *Ich-Lust* (a parte do eu que é submetida ao princípio do prazer –*Lust*, em alemão) e de *Real-Ich* (a parte do eu que está submetida ao princípio de realidade). Fica estabelecido que aquilo que *Ich-Lust* deseja é precisamente “trabalhar pela obtenção de prazer e evitar o desprazer” (FREUD, 1911/2010 p.116). *Real-Ich*, por outro lado, “necessita apenas buscar o que é útil e proteger-se dos danos. Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda” (FREUD, 1911/2010 p.116).

É interessante ressaltar que a noção de utilidade não traz, nesse trecho, nenhuma discussão subsequente. No entanto, podemos perceber, em outras passagens, que há uma relação entre o princípio de realidade e questões morais. Freud afirma, por exemplo, que esse funcionamento psíquico de substituição de um prazer imediato por outro melhor posterior é reproduzido pela religião. Ele se refere ao mito que afirma que se o sujeito renunciar a determinados prazeres, ele poderá desfrutar de maiores satisfações em outra vida (FREUD, 1911/2010).

A substituição do domínio do princípio do prazer pelo controle do princípio da realidade parece estar associada ao processo de amadurecimento. De acordo com Freud (1911/2010), esta substituição não implica, no entanto, no impedimento total daquilo que gera prazer. Ela exige, apenas, uma renúncia momentânea deste prazer, que poderá acontecer depois, de maneira mais segura – segundo Freud (1911/2010).

Podemos dizer, portanto, que o conceito de princípio do prazer se refere a uma forte tendência no aparelho psíquico em buscar prazer e se afastar do desprazer. O princípio de realidade seria, assim, responsável por regular o princípio do prazer. Isso acontece na medida em que há um adiamento da satisfação, para que o sujeito possa direcionar sua energia a outras atividades, além daquelas que lhe causam prazer, e também suportar as que lhe podem causar desprazer. O princípio da realidade faz, portanto, uma mediação entre o princípio do prazer e a realidade.

Lacan explica que a descrição do princípio de realidade antecipa a necessidade de que algo faça barreira ao desejo. Na lição de 16 de dezembro de 1959, ele designa a interdição do incesto como algo que é imposto pela sociedade. É muito interessante acompanhar sua discussão sobre os dez mandamentos presentes na Bíblia. Lacan afirma que, mesmo que o incesto não seja diretamente mencionado em nenhum dos mandamentos, o objetivo do conjunto das regras é manter afastada a possibilidade de sua realização. Além de ser uma interdição simbólica, há também algo no real que impede que o encontro com a mãe se realize – como vimos que acontece no terceiro tempo do Édipo. É importante considerar a função que a imposição deste limite tem na constituição do sujeito.

Já em *Totem e Tabu*, Freud descreve a importância desta interdição, como vimos no segundo capítulo. No entanto, Lacan se refere a uma falta que tem efeito na estrutura

significante. O que Lacan afirma é que a estrutura da linguagem determina que o sujeito não vai encontrar o objeto. A questão da interdição do incesto é muito importante, pois a privação toma este desenho no momento do Édipo. No entanto, há uma impossibilidade que não se limita ao ato de ligar-se à mãe. É essencial a compreensão de que estar na estrutura da linguagem implica que há uma falta, diga-se, que o objeto último para o desejo não será encontrado.

Em seu sétimo seminário, Lacan apresenta uma discussão sobre a diferença entre os termos *das Ding* e *die Sache*. Ambos estão presentes no artigo do Projeto de Freud e referem à ideia de “coisa” em alemão. Lacan mostra, no entanto, que há uma distinção importante entre eles. Ele explica que *die Sache* se aproxima da noção de representação de coisa, é o que representa algo simbolicamente. *Das Ding* se refere a algo diferente.

De acordo com Lacan, a formulação do princípio de realidade indica, desde o início, um fracasso na satisfação das *Not des Lebens*, das urgências da vida. Lacan designa *das Ding*, portanto, como “a tendência a reencontrar, que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto” (LACAN, 1959/2008b p.74). A persistência da tendência ao reencontro é, assim, consequência da impossibilidade de encontrar algo que é o primeiro objeto: o corpo da mãe.

Lacan explica que a impossibilidade de encontro com objeto, representada pela interdição do incesto, é aquilo que possibilita a existência da demanda. Segundo ele, caso o desejo edípico se realizasse, algo se concluiria nisto mesmo, não haveria mais o que desejar. Esta ideia nos remete ao princípio de nirvana, que Freud descreve ao introduzir a questão da pulsão de morte. Em “Além do princípio do Prazer”, Freud se refere a esta tendência de zerar toda excitação do organismo. Caso isso realmente se realizasse, a tendência seria o repouso do aparelho, a morte. Fomos remetidos a esta

ideia, pois, de acordo com Lacan, é precisamente a impossibilidade de encontrar o objeto último que constitui o sujeito como desejante.

Desse modo, Lacan afirma que o inconsciente se estrutura a partir da demanda que permanece. A impossibilidade de encontrar o objeto e a persistência em procurá-lo é justamente o que caracteriza o funcionamento do sujeito. É isto o que nos diferencia dos animais, nos afasta da dimensão de instinto. No mundo da natureza, os animais investem seus esforços em alcançar objetivos de sobrevivência. Eles são capazes de se sentirem saciados após beber água ou comer, por exemplo. Nós não.

De acordo com Lacan, é a impossibilidade de encontro com o objeto que convoca o sujeito a tomar um posicionamento ético. O sujeito se depara com uma barreira, ele não poderá unir-se à mãe, que é, neste momento de constituição, aquilo que Lacan chama de “Bem Supremo” (LACAN, 1959/2008b p.87). Seu desejo não se realizará e ele precisa fazer algo com isso.

Lacan designa, portanto, a ética como algo que surge quando o sujeito, diante de uma interdição, se dá conta de que há uma relação entre a lei e o desejo. O sujeito percebe que há uma lei simbólica que proíbe que ele realize aquilo que deseja. Lacan explica que mesmo que ele não tenha consciência que seu objeto de desejo é precisamente a mãe, ele percebe que não terá o que deseja. Seguiremos, portanto, com o intuito de compreender em que medida isso se articula ao conceito de pulsão.

3.3 Incidências da metáfora paterna

Há enormes incidências da metáfora paterna para a constituição do sujeito. Abordaremos a seguir algumas delas, considerando que um estudo mais aprofundado de

alguma dessas incidências constitui um possível caminho para esta pesquisa. Veremos, assim, algumas articulações entre o corte que acontece com a interdição do desejo e o funcionamento inconsciente.

Há uma articulação entre o funcionamento da pulsão e a impossibilidade de encontro com o objeto. Em seu artigo sobre a pulsão, Freud (1915/1969) descreve quatro elementos que a constituem: *Drang*, a força que a impulsiona, *Ziel*, sua finalidade, *Objekt*, seu objeto e *Quelle*, a fonte, algum lugar ou órgão do corpo de onde ela surge. Sabemos que *Drang* é constante. A pulsão não cessa nunca. Desde o início, Freud adverte que a questão da *Quelle*, a fonte, não estaria tanto no seu campo de estudo. Nos deteremos, portanto, naquilo que se refere à finalidade e ao objeto da pulsão.

Quanto ao objeto, Freud afirma que é “o que há de mais variável” (FREUD, 1915/1969p. 143). Ele pode mudar ao longo do percurso da pulsão e pode, inclusive, ser parte do próprio corpo do sujeito. Lacan o designa como “totalmente indiferente” (LACAN, 1964/2008 p.166). O objeto da pulsão não é o que importa, ele está ali apenas para que o circuito possa existir. Não fosse ele, seria outro igualmente almejado e indiferente.

Somos levados então a discutir a satisfação da pulsão. Como poderia haver satisfação com um objeto tão indiferente? Justamente porque o encontro com o objeto não acontece. No trabalho do décimo primeiro seminário sobre a pulsão, Lacan (1964/2008) explica que a maneira possível de aproximação do objeto é contorná-lo. Ele se refere, nesse ponto, a dois termos do idioma inglês que se relacionam à ideia de contorno: *turn*, no sentido de dar a volta pela borda, por fora; e *trick*, que se aproxima do sentido figurado de “pregar uma peça”, ou ser traiçoeiro. No português, a expressão

“dar uma volta nele” (Lo Bianco, 2015)³ nos serviria, pois ela inclui tanto a ideia de contornar pelo exterior quanto de ludibriar.

É isso, portanto, o que acontece com o objeto: o sujeito dá uma volta nele. O que não significa que não haja satisfação. Como observou Freud (1915/1969), há satisfação no percurso. A pulsão se satisfaz no próprio circuito. Há algo que acontece no contorno do objeto, este que é indiferente e nunca encontrado. A ideia do contorno nos remete à atividade da cerâmica. Na lição de 27 de janeiro de, 1960 Lacan refere-se à função do oleiro. Ele afirma que este tipo de vaso é algo que representa a condição humana e que é possível que este seja “o elemento mais primordial da indústria humana”. (LACAN, 1959-60/2008 p.146).

Lacan (1959-60/2008) explica que, além de servir como utensílio, o vaso tem uma função significante. De acordo com ele, o próprio formato do vaso – que inclui sempre um vazio – implica na expectativa de enchê-lo. Há uma analogia entre a expectativa de preencher o vazio do vaso e a permanência do desejo que é consequência da própria impossibilidade de encontro com o objeto.

Seguindo a analogia que Lacan considera entre o vaso e a relação com o objeto, propomos uma discussão sobre a construção de um vaso de argila. Em um curso básico de cerâmica aprende-se duas técnicas: uma na qual se faz uma base plana e o vaso é construído pouco a pouco, pela união manual de pequenos pedaços de argila que, contornando a base, vão constituindo suas paredes; e outra na qual usamos o torno.

Na técnica do torno, o trabalho começa com um pedaço disforme de argila que devemos prender à placa do aparelho. Para que ela seja fixada, é preciso empurrá-la para o centro da placa com bastante força, ao mesmo tempo em que o torno começa a girar lentamente. A força é tal, que a orientação é colocar o peso do próprio corpo sobre

a argila. Depois que a peça está fixada e já tomou uma forma arredondada, o próximo passo é começar a construir um buraco em seu interior. O buraco precisa ser feito com muita delicadeza, pois um movimento pouco mais brusco tem como consequência o despedaçamento da peça. À medida que o trabalho avança, as paredes do vaso vão ficando mais finas, o que aumenta sua qualidade estética e também a chance de que a argila se rompa.

O limite é bastante tênue. Não é fácil fazer furo. Produzir um objeto com o torno. Contorno. A construção do vaso é uma metáfora para o contorno do objeto. Desde um momento que antecede a própria existência do objeto. A massa disforme pode se tornar qualquer coisa. Do mesmo modo, no trabalho com argila, qualquer coisa pode se tornar massa disforme novamente. No que se refere ao objeto da pulsão, não é diferente. Os objetos podem servir à pulsão por mais ou menos tempo, mas sempre podem ser substituídos.

A pulsão é parcial. Aquilo que está em jogo na satisfação da pulsão não é o objeto, mas o circuito em si. Lacan afirma, assim, que o alvo da pulsão “não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (LACAN, 1964/2008 p.176). De que maneira isso pode se articular à tendência ao reencontro que *das Ding* introduz? Em que medida a manutenção desse sistema que funciona em torno de um encontro impossível se articula à impossibilidade de encontro com o objeto?

São questões que parecem estar muito próximas, no entanto, o ponto que as une não é tão evidente. Na lição de 13 maio de 1964, Lacan indica por onde devemos seguir. O funcionamento da pulsão, na medida em que é parte da estrutura inconsciente, está submetido ao significante. Lacan (1964/2008) nos mostra que aquilo que determina a mudança de uma fase para outra na pulsão, referindo-se às fases descritas por Freud, é

uma demanda que vem do Outro. Não é o desenvolvimento do organismo que faz com que o prazer passe da boca para o ânus, mas uma palavra do outro.

No quinto seminário, Lacan (1957-8/1999) nos mostra como a entrada na estrutura da linguagem, que é essencial para a constituição do sujeito como tal, acontece a partir da relação com o outro. É a partir dos significantes do Outro que o sujeito se constitui. Lacan explica que, antes mesmo que a criança tenha nascido, já lhe é designado pelo menos um significante: seu nome.

Vimos que, desde o momento em que nasce, a criança é convocada a ocupar um lugar na família. Os pais esperam que o filho tenha uma determinada personalidade e corresponda a seus ideais. A partir deste lugar que é estabelecido para ele, o sujeito pode se constituir.

No seminário de 27 de maio de 1964, Lacan nos fala sobre a questão da alienação – a constituição do sujeito a partir de algo que é do outro. Ele afirma:

“O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo o que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (LACAN, 1964/2008 p.200).

Lacan explica que é do lado desse vivo que se manifesta a pulsão. Segundo ele, não há nada no psiquismo, que corresponda ao campo biológico, a partir do qual o sujeito possa se definir como macho ou fêmea. Aquilo pelo qual o sujeito poderá se constituir como homem ou mulher é algo que vem do campo do Outro e ao qual é possível ter acesso pela experiência do Édipo, explica Lacan (1964/2008).

De acordo com Lacan, a representação da sexualidade não é algo que se coloca para o sujeito pela própria existência como tal, mas a partir da via da falta. Lacan

(1964/2008) se refere à falta que se articula a própria condição do sujeito, que só se constitui a partir de um significante que é, antes, do campo do Outro.

Lacan se refere, assim, a uma hiância que marca a constituição do sujeito. Ele afirma: “A relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de hiância.” (LACAN, 1964/2008 p.202). Fica estabelecido que é isso o que implica em uma constituição diferente daquela que se considera natural, a que está posta para animais que não são atravessados pela linguagem. Há um corte que caracteriza essa relação, que é justamente o que implica na impossibilidade de que ela seja recíproca. Lacan afirma que precisamos considerar que os processos acontecem de maneira circular entre o sujeito e o Outro. O sujeito só pode emergir a partir de um significante no qual ele se reconhece no campo do Outro. E é a partir disso que ele poderá se dirigir, em retorno, ao Outro.

Retornamos, então, ao que Lacan articula nos seminários de 1957-8 sobre a constituição do sujeito. Segundo ele, é apenas a partir do momento em que alguém acredita que já é hora da criança ter controle das fezes e demanda isso dela, que a satisfação passará para outra fase (LACAN, 1957-8/1999). A satisfação da pulsão não está, portanto, condicionada às necessidades do organismo, mas à relação com o Outro.

Lacan afirma que a pulsão tem uma função na estrutura inconsciente. No final da lição de 13 de maio de 1964, ele articula a pulsão a uma possibilidade do que ele chama de “transgressão” (LACAN, 1964/2008 p.180) que é permitida no princípio do prazer. É difícil a aproximação desta articulação, da qual Lacan nos fala pouco. No entanto, nos parece que Lacan designa o funcionamento da pulsão como uma maneira através da qual o sujeito pode ter satisfação, uma vez que o encontro com o objeto é impossível. O

fato de ela se satisfazer no próprio circuito nos remete à ideia de tentar driblar a impossibilidade de encontro com o objeto.

Charles Melman (2003/2008), ao discutir a chamada “nova economia psíquica” se refere à noção de objeto introduzida por Freud. Ele afirma que aquilo que Freud articula é que a relação do sujeito com o mundo se organiza precisamente pela falta do objeto. Este objeto é representado pela mãe no contexto do Édipo, mas não se restringe a isso, explica-nos Melman. Há uma impossibilidade, uma falta, que é imposta pela estrutura da linguagem e que, na ocasião do complexo de Édipo, é representada pela interdição do incesto. Melman afirma que a “função do pai é, então, colocar o impossível a serviço do gozo sexual” (MELMAN, 2003/2008 p.22).

O que constatamos é que a leitura de Melman sobre a função paterna esclarece alguns aspectos da teoria lacaniana. Lacan afirma que a função do pai é uma metáfora, portanto, uma operação de linguagem. Nos seminários de 1957-8, encontramos seu desenvolvimento sobre os tempos do Édipo e podemos perceber que a função paterna se articula à possibilidade de uma operação de lei no discurso e não a presença real do pai.

Lacan se refere a uma frustração que é imposta pela linguagem, da qual tratamos no primeiro capítulo: há uma barreira da satisfação na comunicação. Melman (2003/2008), afirma que a estrutura da linguagem implica em um impossível. Aquilo de que se trata na função do pai é dar um caráter sexual à impossibilidade que está posta pela linguagem.

Melman (2003/2008) se refere à articulação – que é antes estabelecida por Lacan – entre algo que a linguagem introduz e a impossibilidade de encontro com o objeto. Ele afirma:

“O desejo do animal humano, que passa obrigatoriamente pela linguagem, se organiza, pois, em torno do que é a partir de então uma perda, já que esse sistema não é ‘fechado’, nunca está completo, nunca está terminado. Nenhum objeto, então, seria suscetível de vir perfeitamente preencher e satisfazer o desejo humano, assim como nenhuma palavra poderia ser o equivalente perfeito de uma ‘coisa’.” (MELMAN, 2003/2008 p.88-89).

Melman se refere, assim, a uma articulação da função paterna à possibilidade de acesso ao desejo. Para chegarmos a esta articulação, no entanto, propomos passar por aquilo que ele articula sobre as diferenças entre o matriarcado e o patriarcado.

O matriarcado, explica Melman, se funda na positividade e na evidência. Isso acontece na medida em que se trata da relação entre mãe e filho na qual a mãe está “presente no campo da realidade” (MELMAN, 2003/2008 p.79), portanto positivada. Não há o Outro, a quem a autoridade é remetida. A mãe é autoridade, portanto uma figura fálica. O pai pode estar presente, mas sua função não é imprescindível, ele é um mero participante. Melman explica que este registro é o do “natural” (MELMAN, 2003/2008 p.80) como aquele de que se trata no mundo animal.

No matriarcado, o nome – o significante - se refere à coisa, portanto não há ambiguidade. Como acontece com os animais, há necessidades que são satisfeitas com determinados objetos. O patriarcado se trata de algo fundamentalmente distinto. Por mais que o pai possa existir no real, como a mãe, seu poder está em outro registro:

“Ele só o mantém por ser a metáfora de uma instância em si inapreensível, invisível, que não mais ocupa o campo da realidade, mas do que Lacan chama de real, ou seja, um inacessível que nada tem de ‘natural’” (MELMAN, 2003/2008 p.80).

Melman (2003/2008) se refere à introdução de algo no registro psíquico que acontece no regime do patriarcado, além da dimensão do real a qual se restringe o matriarcado. Isso, ele explica, tem como efeito a permanência de um trauma, na medida

em que o encontro com o objeto, que no matriarcado é garantido, no patriarcado é impossível. Se o matriarcado é caracterizado pela satisfação da demanda, o patriarcado é marcado por uma perda. Os objetos possíveis para alguma satisfação no regime do patriarcado são sempre tentativas de substituir aquele que foi perdido.

O pai é, assim, o representante da lei que - ao impossibilitar o encontro com o objeto último à satisfação- torna possível que o sujeito formule um desejo. Isso acontece na medida em que, ao colocar uma barreira entre o sujeito e a mãe, o pai introduz o sujeito em um sistema de trocas, no qual ele poderá desejar outra coisa. É verdade que o objeto não será jamais encontrado, no entanto, como ressaltamos no desenvolvimento sobre a pulsão, é precisamente isso o que faz o sujeito desejar e se lançar na busca de outros objetos.

Sobre o conceito de objeto *a*, assim denominado por Lacan, Melman (1999/2004) explica que ele tem origem naquilo que Freud articula: o funcionamento do psiquismo é organizado pela impossibilidade de encontro com o objeto. Melman afirma que Freud considera a vida psíquica como algo que “gira ao redor de uma perda fundamental essencial, uma para cada um de nós; e vocês sabem que ele chamou isso de Édipo” (MELMAN, 1999/2004 p.210).

Freud articula a perda do objeto ao Édipo na medida em que este é o primeiro momento em que o sujeito se depara com a impossibilidade de encontrá-lo. Melman explica que é a partir desse ponto, de perda, que o sujeito poderá “entrar no campo não apenas da sexualidade (...) mas no de uma possibilidade de vida psíquica que lhe permita uma relação com o mundo e com seus semelhantes.” (MELMAN, 1999/2004 p.210). É essencial perceber o que a função do pai, como operação de linguagem,

coloca para a constituição do sujeito. É a partir da perda que a vida psíquica e o próprio sujeito, como tal, podem se constituir.

É interessante observar que, no seminário de 1964, Lacan se refere ao olhar como um objeto privilegiado justamente na medida em que ele é inapreensível. Não pretendemos entrar afundo na questão do objeto escópico, mas seu caráter evanescente nos chama atenção. Lacan explica que os desejos de olhar e ser olhado são muito comuns por se tratarem de algo que não se pode apreender. É algo que se pode escamotear (LACAN, 1964/2008).

Podemos perceber uma relação entre a ideia de *das Ding* a qual Freud se referia e o conceito de objeto *a* lacaniano. Vimos que na distinção entre *Sache* e *das Ding*, o primeiro se refere à simbolização da coisa e o segundo a uma tendência a reencontrar o objeto perdido. Os conceitos não devem, certamente, ser considerados como equivalentes. No entanto, é interessante observar que há, em ambos, uma ideia de impossibilidade de encontro que tem como consequência a permanência de uma tendência em procurá-lo.

Apesar de o conceito de objeto *a* ter grande importância na teoria lacaniana, não temos a pretensão aqui de abordá-lo de maneira mais extensa. A própria complexidade do conceito implica em uma discussão mais aprofundada que não cabe neste trabalho. No entanto, na medida em que discutimos as ressonâncias daquilo que a função do pai introduz, como operação de linguagem, não poderíamos deixar de mencioná-lo.

Conclusão

Este trabalho teve como propósito abordar a questão da função paterna a partir da perspectiva da psicanálise, assim como discutir algumas de suas ressonâncias. A partir do percurso realizado, podemos destacar alguns pontos importantes que devem ser considerados na discussão desse tema.

Um trabalho que se propõe a abordar aspectos da teoria psicanalítica lacaniana não pode deixar de considerar a questão da linguagem. Dedicamos, portanto, a parte inicial do trabalho a essa questão, a qual retornamos diversas vezes ao longo da dissertação. Lacan (1964/2008) considera o inconsciente como estruturado pela linguagem - constatamos que ele o faz a partir de sua leitura do trabalho de Freud. A estrutura da linguagem é, assim, determinante para o funcionamento inconsciente. Afirmamos em diferentes momentos do trabalho que os seres falantes são constituídos de maneira fundamentalmente diferente em relação àqueles que não são atravessados pela linguagem.

Discutimos assim, a questão da determinação significante. Constatamos que, se na teoria de Saussure significante e significado são dependentes, Lacan parte justamente da barra que os separa na representação do signo - $\frac{S}{s}$. Lacan designa o significante como algo que é primordial na relação com o significado. A significação é algo que pode surgir a partir daquilo que o significante permite (LACAN, 1957-8/1995). Vimos que a determinação significante opera também no que se refere às possibilidades de constituição do sujeito. O sujeito se constitui como tal a partir do que determina uma ordem simbólica e, mesmo antes de seu nascimento, lhe são atribuídos significantes. Isso que lhe é designado pelo Outro é fundamental em sua constituição. Lacan (1964/2008) afirma que o sujeito só pode se constituir pelo significante, que é do Outro.

A questão do Édipo aparece já no início da obra freudiana como algo que está fortemente articulado à função do pai. Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/1972) afirma que existe sexualidade na infância. A partir de sua experiência clínica ele descreve a relação da criança com os pais e afirma que todos seriam, em algum momento da constituição, como pequenos Édipos, pois desejam matar o pai e unir-se à mãe.

Em *Totem e Tabu*, Freud (1913/1974) considera a importância de uma lei que possa colocar um limite para o desejo. A partir do mito da horda primitiva, Freud articula a possibilidade de operação de uma lei à morte do pai. Na horda, o pai era aquele impedia, com sua força física, que os filhos se relacionassem com as mulheres da tribo. Depois da morte do patriarca, a palavra do pai torna-se lei. Algo se inscreve e opera a partir da morte do pai.

Discutimos, assim, a importância daquilo que acontece no complexo de Édipo. Vimos que, no momento inicial da vida, é através da relação com a mãe que o sujeito é submetido à da lei do Outro. Apenas quando percebe que a mãe é castrada, diga-se que não tem acesso ao seu objeto de desejo, que o sujeito se dá conta de que há o Outro. No momento do Édipo, o Outro é representado pelo pai, que possui o objeto de desejo da mãe. Consideramos que a função do pai é fundamental para que o sujeito possa estar na estrutura da lei fálica.

Vimos que Lacan (1957-8/1999) compreende o Édipo em três momentos que são caracterizados pelo efeito da função do pai. No primeiro momento, o pai não está presente no real, no entanto, sua função opera na medida em que o filho tem seu desejo frustrado. Aquilo que ele deseja é ser objeto de desejo da mãe e isso não será possível, pois o objeto de desejo da mãe é o falo. A questão, nesse momento, é se a criança

poderá ou não ocupar o lugar do falo, segundo Lacan (1957-8/1999). Ele explica que o fato de a mãe estar, ela própria, submetida à lei fálica implica que a criança não possa ocupar o lugar de um objeto que é tão especial para ela.

No segundo tempo, o pai atua através do discurso da mãe. É o momento em que a criança compreende que o pai é aquele que possui o falo. Assim, na medida em que é o detentor do objeto de desejo da mãe, o pai tem o poder de privá-la desse objeto. Esse momento é muito importante, pois é quando o pai ocupa o lugar daquele que detém a lei. A criança percebe que há uma lei que está para além do desejo da mãe. Há um terceiro, o Outro, ao qual a mãe é submetida. Nesse momento, portanto, a função do pai tem como efeito a privação. É importante notar que aquela que é privada é a mãe. No entanto, isso produz efeitos para o sujeito, na medida em que sua relação com a mãe é atravessada pela lei do Outro.

No terceiro tempo, o pai é aquele que castra. É importante ressaltar que a castração é uma operação simbólica. A criança só perceberá o pai como aquele que castra, no momento final do Édipo, na medida em que a função dele tenha operado nos tempos anteriores. Lacan afirma que há algo que acontece no real. O sujeito, muitas vezes, teme o pai e isso é uma consequência da simbolização da castração.

É precisamente isso o que não acontece no caso de Hans e o leva a desenvolver a fobia. Apesar de exercer uma função admirável como pai na família, o pai de Hans não pode exercer sua função no complexo. Isso é consequência da relação entre o pai e a mãe de Hans. Apesar de o pai tomar decisões que afastariam o menino da mãe, ela não faz valer sua palavra e permite que o menino esteja muito próximo.

O pai de Hans não é temido pelo menino, pois há algo que não opera simbolicamente. A saída de Hans é procurar um limite no real: elegendo outras figuras

que lhe causem medo. A fobia tem, assim, um papel na medida em que a função do pai não opera da maneira habitual.

Trabalhamos o caso Hans, pois consideramos interessante para a discussão da questão sobre a carência paterna. Vimos que Lacan (1957-8/1999) afirma que aquilo de que se trata quando falamos em carência paterna se refere ao lugar que o pai ocupa no complexo de Édipo, diferenciando, portanto, a possibilidade de operação de sua função no complexo de sua função na família, assim como de características de sua personalidade.

Outro ponto importante se refere à (não) necessidade da presença real do pai. Lacan (1957-8/1999) afirma que é possível que sua função opere sem que o pai esteja presente. O discurso da mãe pode ser atravessado pela lei do Outro apesar da ausência do pai. Na medida em que ela é submetida à lei fálica, ela é privada do encontro com o objeto e isso terá efeitos em sua relação com a criança.

Consideramos que a impossibilidade de encontro com o objeto é algo que é colocado pela própria submissão do sujeito à estrutura da linguagem. Lacan (1957-8/1999) designa, portanto, a função do pai como uma operação de linguagem. A metáfora paterna é assim denominada, pois se trata da substituição de um significante primordial, o da mãe, pelo significante Nome-do-Pai.

Lacan (1957-8/2011) designa os mecanismos de metáfora e metonímia como aqueles a partir dos quais pode surgir o significado. Ao abordar a questão da linguagem, observamos que Lacan considera tais mecanismos como análogos aos de condensação e deslocamento - descritos por Freud como atuantes nas formações psíquicas.

Tanto a metáfora quanto a metonímia são caracterizadas pela substituição de um significante por outro. Lacan explica que aquilo que as distingue se refere ao campo no qual os significantes – o substituto e o substituído – tem relação. Se na metáfora a relação entre os significantes existe no real, na metonímia ela existe na própria cadeia significante.

A partir daquilo que Lacan (1957-8/1999) articula, consideramos que a metáfora paterna é o que introduz o significante do pai. Podemos articular que o significante do pai pode substituir o da mãe na medida em que pai e mãe têm uma relação no real.

Fernandes e Costa-Moura (2009) afirmam que há uma relação importante entre o significante Nome-do-Pai e o Falo, mas eles não devem ser confundidos. O Nome-do-Pai é designado por Lacan (1957-8/1999) como o significante que ratifica o próprio funcionamento significante como tal. Sua inscrição é o que possibilita uma constituição no registro da lei fálica. Tal operação só pode acontecer, como tal, na medida em que o inconsciente é estruturado pela linguagem.

O Falo, por sua vez, é compreendido como um significante metonímico do pai. Há uma relação entre eles na cadeia significante - isso possibilita a metonímia. Consideramos que o significante Falo tem também uma função essencial na significação. Fernandes e Costa-Moura (2009) explicam que a presença desse significante na cadeia é essencial para que o sujeito possa ter acesso às significações da lei fálica.

No capítulo sobre a estrutura da linguagem, passamos pela questão da frustração que há na comunicação. Lacan (1953/1996) afirma que a fala não corresponde a uma intencionalidade, o que implica que o sujeito pode sempre se surpreender com seu

próprio dizer. Isso acontece, pois aquilo que o sujeito tem a intenção de falar sofre um desvio ao encontrar o significante.

A consequência disso é a impossibilidade de que a mensagem se realize ao mesmo tempo e da mesma maneira no sujeito e no Outro, para quem a mensagem é emitida (LACAN, 1957-8/1999). A chamada “impossibilidade de comunicação” se refere a esse desencontro, há uma frustração implicada no ato da comunicação.

Passamos pelo esquema que representa a formação da mensagem a partir da demanda do Outro. Lacan (1957-8/1999) explica que há sempre dois pontos de chegada da mensagem, o que implica que ela seja sempre ambígua. Verificamos, assim, que a tirada espirituosa constitui uma possibilidade de satisfação. Isso acontece na medida em que a ambiguidade do significando permite que se produza um jogo de palavras. O sujeito diz algo diferente daquilo que tem a intenção de dizer e, no entanto, o outro compreende a mensagem que o sujeito desejava emitir.

É essencial compreender que, segundo a teoria lacaniana, o significado só pode surgir a partir do que o significante determina. Vimos que, fazendo um corte com aquilo que afirma a linguística, Lacan (1957-8/2011) designa a relação entre significante e significado como arbitrarias. Isso implica que não há um único significado que corresponda a um significante, mas inúmeras possibilidades de significação. A lei fálica, no entanto, impõe significações e o sujeito que está nesta estrutura pode aceitá-las. A inscrição do significante do falo é, portanto, o que permite que, apesar de toda possibilidade de ambiguidade - que é própria do significante - o sujeito possa entender algo daquilo que o outro diz. É importante ressaltar que a própria significação é, no entanto, determinada pela lei significante. Isso quer dizer que as possibilidades de significação são determinadas pelo significante.

Discutimos a questão da transmissão, que é também submetida à lei significante, na medida em que se trata de seres que falam. Lo Bianco (2008/2009) considera que na transmissão do pai para o sujeito não há nada de natural ou automático. Ela afirma que, se por um lado é necessário que o sujeito faça valer a palavra do pai, por outro é imprescindível que ele tome um posicionamento ético a partir do que o pai lhe diz.

A partir da ameaça de castração, o sujeito terá que fazer algo de seu desejo para ocupar um outro lugar. A ética está implicada na medida em que o sujeito precisa fazer algo em relação ao seu desejo. Lacan se refere à ética como algo que está implicado no posicionamento que o sujeito toma a partir do ponto em que entende que seu desejo é interdito. Ao final do complexo de Édipo, por exemplo, o sujeito compreende que há uma lei que impede sua união com a mãe. Diante da interdição ele precisa fazer algo de seu desejo.

A própria estrutura da linguagem implica na impossibilidade de encontro com o objeto – este é um dos pontos mais importantes a que pudemos chegar neste trabalho. Uma vez que a falta está em toda relação do sujeito, a questão da ética é essencial. Vimos que Melman explica que aquilo que acontece no complexo de Édipo tem como consequência que seja atribuído um caráter sexual à perda que é posta pela linguagem. A função do pai é impedir o encontro com o objeto de desejo – que no momento do Édipo, é a mãe. No entanto, consideramos que a perda está posta para toda tentativa do sujeito de se aproximar de um objeto.

Discutimos, assim, a questão da pulsão. Freud (1913/1969) a descreve como algo constante, cujo objeto pode ser extremamente variável. Um dos aspectos mais interessantes descritos por Freud se refere à possibilidade de satisfação no próprio

circuito. O conceito lacaniano de objeto *a* se refere a um objeto que é causa do desejo por ser sempre perdido.

Consideramos, assim, a possibilidade de que a pulsão se satisfaça em seu percurso como algo que é importante para a constituição do sujeito. Na medida em que o encontro com o objeto é impossível, é interessante que haja uma maneira alternativa de satisfação.

Partimos da dificuldade que se refere à distinção entre aquilo que a linguagem coloca e aquilo que a função do pai introduz. Tal problema é consequência da própria condição da função paterna na teoria lacaniana. É difícil distinguir o que cada uma introduz justamente porque a função paterna é uma operação de linguagem. Não há função do pai, tal como a psicanálise lacaniana a compreende, fora da estrutura linguagem.

No início deste trabalho afirmamos que a linguagem impõe uma estrutura e que o que determina que algumas pessoas estejam no registro da lei fálica e outras não é a função paterna. Com o trabalho da dissertação, chegamos à formulação de que há uma impossibilidade que é algo que a própria linguagem introduz e que a esta impossibilidade, a esta falta, a função paterna confere um caráter sexual. Esta segunda afirmativa não anula, de maneira nenhuma, a primeira. As duas fazem parte do mesmo desenvolvimento: estar na estrutura da linguagem implica que exista uma falta. Diga-se, a falta está sempre posta para o sujeito. Aquilo que a função paterna introduz é a dimensão sexual da falta.

Bibliografia:

FERNANDES, F.; COSTA-MOURA, F. (2009) *Lógica da Ciência, formalismo e forclusão do sujeito* In: *Psicanálise e laço social/* Fernanda Costa-Moura, org. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009 p.144-166.

FREUD, S. (1897). *Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess* In: *Publicações Pré-Psicanalítica e Esboços Inéditos*. Rio de Janeiro, Imago, 1969 p.197-300. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.I).

_____ (1895). *Projeto para uma Psicologia Científica* In: *Publicações Pré-Psicanalítica e Esboços Inéditos*. Rio de Janeiro, Imago, 1969 p.303-313. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.I).

_____ (1901). *A Interpretação dos Sonhos (parte II): Sobre os Sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1977. 438 p. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.V).

_____ (1901). *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Rio de Janeiro, Imago, 1969. 362p. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VI).

_____ (1905) *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1969. 290p. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.VIII).

_____ (1901-1905). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* In: *Fragments da Análise de um caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p. 123-252 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.VII).

_____ (1909). *Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos* In: *Duas Histórias Clínicas (“O Pequeno Hans” e “Homens dos Ratos”)*. Rio de Janeiro, Imago, p.13-154 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.X).

_____ (1911). *Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Psíquico* In: *Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia*

(“*O Caso Schreber*”), *Artigos sobre a Técnica (1911-1913)*. Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2010. p. 108-121.

FREUD, S. (1912-1913). *O Instinto e suas Vicissitudes*. In: *História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1969. P.137- 162 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIV).

_____ (1912-1913). *Totem e Tabu*. In: *Totem e Tabu e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1974. P.13- 194 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIII).

_____ (1920). *Além do Princípio do Prazer* In: *História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”)*, *Além do Princípio do Prazer e Outros Textos (1917-1920)* /Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2010. p. 239.

_____ (1923). *O Ego e o Id*. In: *O Ego e o Id e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p. 13-83 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIX).

_____ (1924). *A Dissolução do Complexo de Édipo* In: *O Ego e o Id e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p. 215-224 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIX).

_____ (1925). *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos* In: *O Ego e o Id e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p. 303-320 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIX).

_____ (1936). *Um Distúrbio de Memória na Acrópole* In: *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p. 291-303 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XXII).

_____ (1939 [1934-1938]) *Moisés e o Monoteísmo* In: *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p. 13-161

(Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XXIII).

LACAN, J. (1953) *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* In: *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 2011 p.101-187.

_____ (1955-56) *O Seminário sobre a Carta Roubada* In: *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 2011 p.17-67.

_____ (1956-57) *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 456p.

_____ (1957) *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* In: *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.223-259.

_____ (1957-58) *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 532p.

_____ (1958) *A Significação do Falo* In: *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 2011 p. 261-273.

_____ (1959-60) *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 387p.

_____ (1964) *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1968-1969)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 279p.

_____ (1972-73) *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 157p.

LEBRUN, J.-P. (2001) *Um Mundo Sem Limites: Ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. 214p.

LO BIANCO, A. (2008) *Adesão ao líder ou submissão ao pai: a escolha do sujeito* In: *Psicanálise e laço social*/ Fernanda Costa-Moura, org. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009 p.119-124.

MELMAN, C. (2003) *O Homem sem Gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. 211p.

MELMAN, C. (1999) *O Que É o Objeto a?* In: *Formas Clínicas da Psicopatologia Mental e artigos inéditos*. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 2004. p: 209-225.

POE, E. (1844) *A Carta Roubada* in: *A Carta Roubada e Outras Histórias de Crime e Mistério*. Porto Alegre: L&M, 2014. p. 7-36.

SAUSSURE, F. (1916) *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2010. 279p.

SOFOCLES (427 a.C.) *Édipo Rei*; Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2011. 96p.